

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO – LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Maria Paula Magalhães Silva

**QUAL O ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE ENSINO DE ARTE? UM OLHAR EM RECORTE**

Porto Alegre

2016

Maria Paula Magalhães Silva

**QUAL O ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE ENSINO DE ARTE? UM OLHAR EM RECORTE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Instituto de Artes da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul como requisito  
parcial para a obtenção do título de Licenciado  
(a) em Artes Visuais.

Área de habilitação: Licenciatura em Artes  
Visuais

Orientador: Prof. Dr. Celso Vitelli

Porto Alegre

2016

Maria Paula Magalhães Silva

**QUAL O ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE ENSINO DE ARTE? UM OLHAR EM RECORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

Prof. Doutor Celso Vitelli — Orientador

---

Prof. Dra. Paola Zordan – banca examinadora

---

Prof. Dra. Daniela Kern — banca examinadora

Porto Alegre, 19 de Dezembro de 2016

## RESUMO

Este trabalho trata sobre o tema representação de mulheres na história da arte, em livros didáticos e na escola em que foi realizado o estágio pela autora. Dividido em três diferentes momentos no primeiro questiono a falta de mulheres artistas na história em geral, e na arte, para por em xeque o cânone histórico ocidental estabelecido por homens brancos, buscando responder questões como: De que pontos de vista são contadas essas histórias? Onde está a mulher na história da arte? Qual a importância da representação na história da arte? Para tornar possível essa pesquisa, analiso quatro livros didáticos aprovados pelo PNLD - Arte 2017, questionando, principalmente, a representação de mulheres artistas em tais livros. Assim, procuro responder as questões: Que artistas estão nos livros didáticos de Artes Visuais hoje? Como são mostradas as mulheres artistas nos livros? De onde são os artistas visuais brasileiros que estão nos livros didáticos? Também é interrogado no texto a atuação da autora como professora, pensando no papel da mulher na escola e no desenvolvimento das atividades realizadas no estágio. A teoria se apoia em autoras como Chimamanda Adichie, Gerda Lerner, entre outras. Quanto a resultados, sobre a representação das mulheres em sala de aula, nos livros didáticos e na história da arte foi notável na pesquisa a falta das mesmas, apontando que é necessário insistir, mostrar essas mulheres e também as pessoas das mais diversas etnias, por exemplo, revelar que elas existem e que fazem parte da história.

Palavras-chave: mulher, livro didático, ensino, arte, história

SILVA, Maria Paula Magalhães. **Qual o espaço de representação das mulheres nos livros didáticos de ensino de arte? Um olhar em recorte.** Porto Alegre, 2016, 62 f. Trabalho de Conclusão em Licenciatura em Artes Visuais – Curso de Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Porto Alegre, 2016.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM1: Guerrilla Girls, You're Seeing Less Than Half The Picture, 1989.....	11
IMAGEM 2: Claude Cahun, Untitled c., 1921.....	17
IMAGEM 3: Frida Kahlo. Self Portrait with cropped hair. 1940.....	17
IMAGEM 4: Barbara Kruger, Your Body is a Battleground, 1989.....	18
IMAGEM 5: Mapa do Brasil com estados marcados.....	24
IMAGEM 6: Entrada da escola.....	26
IMAGEM 7: Sala de Artes.....	27
IMAGEM 8: Corredor da Escola.....	28
IMAGEM 9: Sala dos Professores .....	28
IMAGEM 10: Colagens Produzidas por alunas do 8º Ano A.....	31
IMAGEM 11: Brasão produzido pela turma 6º Ano A.....	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>1 - EXISTE MAIS DE UMA HISTÓRIA SOBRE AS MULHERES NA ARTE?</b> .....	09
<b>2 - A IMPORTÂNCIA DE MÚLTIPLAS HISTÓRIAS: QUAIS ARTISTAS ESTÃO PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO DE ARTE?</b> .....	19
<b>3 - ESTÁGIO: SOBRE A AUSÊNCIA E A PRESENÇA DE ARTISTAS MULHERES NA SALA DE AULA - O QUE FOI POSSÍVEL FAZER</b> .....	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
<b>APÊNDICE A:</b> Tabela de mapeamento de artistas e páginas dos livros didáticos de sexto e oitavo ano da série Por Toda Parte.....	37
<b>APÊNDICE B:</b> Tabela de mapeamento de artistas e páginas dos livros didáticos de sexto e oitavo ano da série Mosaico.....	42
<b>APÊNDICE C:</b> Projeto de Ensino.....	49

## INTRODUÇÃO

*Sobre o que trata esse trabalho?*

Essa pesquisa se inicia a partir de um sentimento de falta. Histórias são contadas ou criadas a partir de seleções de fatos ocorridos ou inventados. Tais seleções são feitas por alguém, em algum lugar e em algum tempo. As histórias consideradas cânones geram discursos, silenciamentos, exclusões e exaltações que refletem os ideais de quem as selecionou. Assim, determinados fatos entram ou não nas histórias.

Sempre existiram mulheres artistas e artistas negros, artistas latinos, artistas portadores de deficiências, entretanto, esses artistas tiveram pouquíssima visibilidade na história, seja pela falta de interesse de quem escreve, seja por preconceitos ou convenções sociais. As mulheres, apesar de estarem, sim, na história da arte, são muitas vezes escondidas e estereotipadas e, quando mostradas, há uma falta de variedade de representações, em geral. É esse o sentimento de falta que eu menciono no início desta escrita.

Quando pensamos em artistas mulheres brasileiras, por exemplo, logo pensamos em Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Acredito que esse parco repertório de mulheres artistas, principalmente nas escolas, precisa de acréscimos. Evidentemente não existem apenas duas mulheres artistas brasileiras, por que, então, conhecemos tão poucas? Existe hoje uma tendência em incentivar, ou seja, procurar recuperar partes da história que foram negligenciadas e escondidas. Há um movimento de reinserção das minorias na história da arte. Apesar de vermos os esforços de muitas pesquisadoras e pesquisadores nessa direção, como por exemplo, o de Uta Grosenick que organizou o livro *Mulheres artistas nos séculos XX e XXI* (2004), esse assunto não pode ser dado como encerrado. Falar e escrever sobre a pouca visibilidade das minorias, não é apenas uma moda do ano, uma *trend* que morrerá com o tempo, mas sim uma necessidade que deve ser multiplicada, principalmente nas escolas.

Inspirada por pesquisadoras como Gerda Lerner, em seu livro *Why History Matters* (1997) e Chimamanda Adichie com a sua palestra *The Danger of a Single Story* (2009), procuro, com este trabalho, pensar sobre a representação da mulher na história da arte, tendo como campo de aplicação as aulas de Ensino de Arte das escolas as quais frequentei no estágio docente obrigatório. Com esse foco, questiono: Quais são as mulheres representadas nos livros de história da arte? Qual o lugar reservado às mulheres artistas nos livros didáticos? Como são mostradas as mulheres artistas em livros? Procurei, com este trabalho, analisar,

inicialmente, as maneiras como as mulheres são representadas na história da arte e nos livros didáticos. Mais do que isso, minha ambição foi a de problematizar como a falta de variedade de representações pode afetar, e acredito que afeta, as identidades das mulheres, criando estereótipos. Assim, a partir desses pensamentos e de minha experiência de estágio, analiso que tipo de professora e que tipo de aulas espero de mim a partir desses questionamentos que guiaram e guiarão a minha identidade de professora em sala de aula.

Divido em três capítulos o meu trabalho de conclusão de curso (TCC). O primeiro capítulo aborda a seguinte questão: *Existe mais de uma História sobre as Mulheres?* Aqui desenvolvo, de modo conciso, o tema do feminino na história da arte, utilizando autoras que pensam a história em geral e de artistas que pensam o feminino na arte, principalmente para questionar o cânone histórico ocidental estabelecido por homens brancos. Também explico, neste capítulo, o que considero ser “representação”. O segundo capítulo analisa, também de forma sucinta, representações de artistas mulheres em quatro livros didáticos de duas coleções selecionadas para o PNLD 2017 - Arte (Programa Nacional do Livro Didático)<sup>1</sup>, os quais descreverei mais adiante. Ainda no segundo capítulo, escrevo sobre a importância de dar visibilidade às múltiplas histórias, usando autoras como Chimamanda Adichie e Luciana Loponte para pensar, especialmente, sobre o tema mulher na arte. Trazendo o assunto para o cotidiano escolar desenvolvo, no terceiro capítulo, uma reflexão sobre as imagens e os discursos que dizem respeito ao feminino que é reproduzido por professores, professoras e alunos. Nessa direção, acredito que todos esses movimentos que faço: o da pesquisa, os meus questionamentos e os de diferentes autores/as estudados, ajudarão a pensar a minha atuação como professora. Quando incluo a palavra recorte no título dessa pesquisa, é uma pretensão minha em tratar, modestamente, desses assuntos divididos nesses três capítulos do texto, tendo a consciência de que cada um deles poderia ser desenvolvido mais profundamente.

---

<sup>1</sup>O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. O programa é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, que pode ser: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio. À exceção dos livros consumíveis, os livros distribuídos deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos por um período de três anos. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pnld/apresentacao>, acesso em 19 de out, 2016, 10:32.

## 1 - EXISTE MAIS DE UMA HISTÓRIA SOBRE AS MULHERES NA ARTE?

*De que pontos de vista são contadas essas histórias?  
Onde está a mulher na história da arte?  
Qual a importância da representação na história da arte?*

Todo ser humano é um historiador. Ao viver, crescer e amadurecer o ser humano constrói a sua história de vida de forma seletiva e particular. A história pessoal é mudada com diferentes interpretações e ênfases, que se alteram, culturalmente, conforme as etapas da vida.

A maneira como essa história é apresentada também define as identidades dos sujeitos. Tudo que é considerado importante, tudo que é lembrado ou até é omitido, gera novos significados para a vida das pessoas. O passado de alguém afeta seu presente, a maneira como se interage com outras pessoas, a maneira como se porta em grupo, como se veste, como fala. Tudo é parte e tudo é afetado pela história pessoal. E, se o presente é afetado, certamente o futuro também será. O modo como alguém se vê e se porta perante a sociedade influencia suas decisões e seu modo de vida. Como traz a historiadora Gerda Lerner:

Se nós nos vemos como vítimas, como impotentes e dominados por forças que não podemos compreender ou controlar, vamos escolher viver com cautela, evitar o conflito e evitar a dor. Se nós nos vemos como amados, sensatos, poderosos, vamos abraçar o futuro, viver com coragem e aceitar os desafios com confiança.(1997, p. 389 – trad. minha)

Talvez a maioria das pessoas não pense nessa *seleção de memórias* como uma maneira de fazer história. “Nós vivemos nossas vidas; nós contamos nossas histórias. Parece ser tão natural como o ato de respirar.”(LERNER, 1997, p.389 – trad. minha) Mas será que este modo seletivo de ver a história é tão natural assim que não se deve pensar sobre ele?

Fazer história tem privilegiado um processo de seleção que ganha maior visibilidade por aqueles que estão no poder. Para quem está no poder, a história sempre importou. A história escrita começou como um meio de celebrar as realizações de chefes militares, usurpadores e reis (LERNER, 1997). As histórias dos heróis de guerra, dos valentes e poderosos governadores soberanos servem para legitimar esse tipo de poder. Ao escrever histórias “oficiais” dos eventos ocorridos, os governos criam culturas e tradições baseadas nessas histórias.

O conceito de representação não é simples nem único, mas para essa escrita, quando penso nesta palavra, é como se fosse o oposto da ausência, ou seja, – a significativa presença de mulheres artistas e suas atuações em várias instâncias. No caso dessa escrita, seria o desejo de ver essa presença, os trabalhos das artistas em diferentes lugares como: nos livros de história, de arte, nas galerias de arte, nos museus e, mais especificamente, no meu material empírico de investigação, os livros didáticos de ensino de arte. Penso que quando estamos sendo representados, desejamos ser mostrados de forma em que possamos nos identificar, nos sentindo parte de algo. Quando mulheres artistas estão sendo representadas em livros didáticos, por exemplo, elas estão presentes, e passam a fazer parte do repertório artístico dos alunos e professores que usam os livros em seu cotidiano.

Dos autores que tratam sobre o conceito de representação, a que mais se aproxima do que eu penso sobre o mesmo, é Kathryn Woodward (2000). Ela discute o conceito de representação e as suas articulações com o conceito de identidade e diferença. Para a autora, “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”(2000, p. 17). Considera que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. Também salienta que os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Kathryn Woodward lembra que as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. Então eu acredito que o que procuro explorar com esse conceito, seria pensar um pouco nessa argumentação, do poder que inclui(u) e exclui(u), no caso, as mulheres da história da arte, dos livros didáticos, museus, galerias, enfim.

Quando uma artista é inserida em um livro didático, quando seu trabalho de vida está presente e sua história é contada, ela mostra, para quem a vê, que ela existe dentro de uma grande história, ou seja, essa artista também representa o seu contexto. Tudo isso não é pouco, daí a importância de fazermos o exercício de verificar quem está sendo “apresentada” como artista, nos livros didáticos, por exemplo.

Nessa esteira, livros em geral, histórias, propagandas, aulas, brinquedos, etc. que tem a pretensão de mostrar “realidades” de diferentes contextos (e as do Brasil, por exemplo, são muitas) deveriam, realmente, mostrá-las, pois é fato que a mulheres são, pelo menos, metade

da população mundial, mas acabam sendo ainda deixadas de lado em certos países, para que se contem apenas histórias de homens.

O processo de fazer história requer uma seleção feita por alguém, dos eventos e acontecimentos que são considerados importantes para serem lembrados. “As mulheres estão em toda parte e sempre foram, pelo menos, metade da humanidade.”(LERNER, 1997, p. 400) Grande parte das mulheres que desempenharam papéis substitutos de seus equivalentes masculinos, como o de governantes e rainhas, entraram na história. Pensar que as ações e pensamentos de mulheres não tenham sido importantes para a formação da humanidade é inimaginável, entretanto a *Memória Seletiva*<sup>2</sup> por parte dos homens que recordaram e interpretaram a história não mostram a mulher e suas ações como sendo dignas de recordação. Essa simples aceitação dos critérios que regeram a seleção histórica de eventos fez com que, pelo menos, metade da história tenha sido esquecida.



Guerrilla Girls, *You're Seeing Less Than Half The Picture*, 1989

“Diversas mulheres atuaram ao longo da história da arte, tiveram um papel importante

---

<sup>2</sup> Conceito retirado de LERNER, 1997. “Selective Memory” é o termo que a autora usa para descrever o esquecimento voluntário de fatos por quem está a contar uma história.

e ativo em diversos períodos e movimentos artísticos, porém parece correto afirmar que elas não tiveram visibilidade.” (FRICKE, 2012, p.11) As *Guerrilla Girls*, grupo ativista formado em 1985, é um ótimo exemplo do lugar da mulher na arte. Desde a sua fundação elas têm recebido, lentamente, reconhecimentos ao redor do mundo, com seus trabalhos que unem humor e provocações, e que fazem pensar sobre o tratamento dado às mulheres no meio artístico. O grupo está agora no MoMA, na lojinha da entrada do prédio. Porém, muitas mulheres ainda se encontram na periferia das histórias, são como notas de rodapé, capítulos a parte, pois fogem da normativa *homem, branco e europeu*. As próprias *Guerrilla Girls* revisam seus trabalhos que denunciam a falta de artistas mulheres em grandes exposições, mostrando que não há uma grande mudança de tratamento nesses trinta anos que se passaram, apesar das constantes reivindicações. Nessa direção, vale destacar um importante projeto que existe na UFRGS para se pensar os lugares que as mulheres ocupam na sociedade e no cotidiano, chama-se “Lugar de Mulher”. Tal projeto mostra mulheres trabalhando em áreas que não tem uma grande porcentagem de atuação das mesmas. As entrevistadas falam sobre seu trabalho e como a sua área de pesquisa e atuação as acolhe, assim como mencionam as mudanças que vem ocorrendo em diferentes áreas. Um exemplo disso é a entrevista de Nadia Bertini, onde ela fala sobre a falta de incentivo dado às mulheres na área de ciências<sup>3</sup>. O programa é uma parceria entre a UFRGS TV e o projeto Meninas na Ciência do Instituto de Física da UFRGS. Uma das preocupações desse projeto é a de mostrar que as mulheres podem ter qualquer profissão e também podem se dedicar a qualquer área do conhecimento.

É válido lembrar que, apesar da maioria das publicações serem escritas por homens brancos, existem exceções além de Gerda Lerner. Várias autoras também trabalham com histórias de mulheres, como Patricia Mayayo com seu livro *Historias de mujeres, historias del arte* de 2007, que trata da história de algumas artistas mulheres que tinham sido, até recentemente, ignoradas sistematicamente pelo discurso oficial da história da arte; Whitney Chadwick com o livro *Women art and Society* (2007), que desafia a premissa que mulheres artistas são uma exceção à regra e que tiveram que “transcender” seu sexo para produzir grandes trabalhos de arte. Ainda, nessa esteira, temos Mírian López Cao com sua pesquisa sobre *Gênero e Criação Artística* (2008), e também Uta Grosenick com o livro *Mulheres artistas nos séculos XX e XXI* (2004); e muitas outras. Mesmo assim, com tantas pesquisadoras do tema, estrangeiras e brasileiras, quando penso no lugar do mundo onde me encontro: Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ainda sinto falta da visibilidade e

---

<sup>3</sup> Ver entrevista Lugar de Mulher - Nadia Bertini <https://www.youtube.com/watch?v=Z3MygQaKz1A>

importância dadas ao tema “representação da mulher na história e na arte”. Pesquisas e movimentos sobre o tema aqui no Sul existem, isso é inegável, mas ainda assim, acredito que poderiam ter maior visibilidade. Vale destacar o grupo criado no *Facebook* pela professora Daniela Kern, de Porto Alegre/RS, *Feminismo e história da arte*, que hoje conta com 2.827<sup>4</sup> membros – o grupo promove discussões sobre temas relevantes, indicações de leituras, etc. Já nos Estados Unidos, por exemplo, existem departamentos e cursos inteiros em universidades que se dedicam a estudar a história das mulheres, feminismo, e gênero<sup>5</sup>. Aqui, no Instituto de Artes Visuais da UFRGS, tivemos, pela primeira vez no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, no ano de 2016 a disciplina eletiva *Mulheres na Arte Moderna e Contemporânea: História, Teoria e Crítica* dedicada inteiramente ao assunto de mulheres na arte moderna e contemporânea, abordando a inclusão de mulheres no sistema das artes ocidentais a partir do renascimento, assim como os papéis que assumiam.

Com Lerner, vale lembrar:

[...] as mulheres foram ensinadas a pensar em si mesmas como pessoas que não podem fazer contribuições significativas para a sociedade na esfera pública. Esta distorção maciça do registro verdadeiro poderia acontecer porque aqueles que fizeram a seleção eram ignorantes e desdenhosos das atividades das mulheres. O sistema de valores pelos quais eles julgaram "importância histórica" valorizando as atividades dos homens sobre aquelas das mulheres. (...) Memória seletiva privou as mulheres e os homens da capacidade de construir uma imagem verídica do passado. (1997, p. 400 – trad. minha)

A mulher representada na história da arte era, geralmente, não uma artista, mas uma modelo. Então, pensar sobre as mulheres na história da arte pode ser um exercício de pensar também no lugar social da mulher. A mulher foi, ao longo da história, associada ao doméstico, representada como esposa, mãe, cuidadora, menina, e se ela desviava desse tipo de representação, era taxada de prostituta, devassa, assassina, nunca como sujeito pensante, mas um objeto a ser apreciado. Muitos artistas homens do século XX se beneficiavam com esses padrões, que faziam da mulher um objeto, principalmente por sua arte ser estética, e não ter propostas de críticas e políticas, considerando classe e gênero, como a arte de muitas mulheres da época que era considerada irrelevante (ALIAGA, 2004, p.20 – 21). É possível achar exemplos de pinturas representando mulheres dessa forma em vários períodos históricos. O artista francês François Boucher (1703-1770) pintou vários retratos de *socialites*, sendo um dos mais famosos o de *Madame de Pompadour* (1756), onde ela se encontra

---

<sup>4</sup> Informação capturada em 28 de novembro de 2016 às 10h 29min.

<sup>5</sup> Alguns exemplos de universidades que oferecem cursos da área: <http://womensstudies.berkeley.edu> ; <http://womenstudies.psu.edu> ; <http://feminist.stanford.edu/faculty/>

sentada, lendo um livro, mas também pintou, na mesma época, retratos de diversas odaliscas, todas nuas e em poses sensuais. Além de Boucher, temos Renoir (1841-1919) e a sua pintura *La Loge* (1874), que mostra uma mulher em *display*, esperando ser apreciada, junto de uma figura masculina que é retratada como “ativa”, ao invés de estar se “exibindo”.

Cabe aos homens, situados do lado exterior, do oficial, do público, do seco, do alto, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares. As mulheres, situadas do lado do úmido, do baixo, da terra e do doméstico, são associadas ao eixo da natureza em contraponto ao eixo da cultura destinado aos homens. (MOURA, apud FRICKE, 2012, p. 9)

Se a arte se faz no social e o lugar da mulher na sociedade ocidental dos séculos XVIII, XIX e XX é ligado ao doméstico, como poderia a mulher assumir o papel de artista? Para o homem, que se encontra dentro do papel social cultural é fácil se inserir no meio artístico. Fricke afirma:

Ser gênio foi condição para manter-se na arte e para as mulheres esta condição não existia. Ser mulher era estar fadada ao esquecimento pelo menos no meio artístico. E estas representações que foram geradas pelo imaginário masculino repercutem até hoje em nossos dias, são as imagens que lembramos quando associamos arte e Renascimento, arte e Modernismo, arte e muitos ismos, que começam a fazer parte de nossas vidas muito cedo através dos livros didáticos nas escolas. (2012, p. 10)

A mesma autora ainda diz que “ (...) muitas vezes esquecemo-nos de perguntar onde estão as mulheres artistas daquelas épocas.” (2012, p. 10)

Marian Lopez Fernandez Cao traz em um de seus textos um exercício que ela propõe em aula, consiste na realização de desenhos rápidos da figura humana a partir de frases. As frases ditas são frases neutras, sem sexo, como “‘enquanto corria em direção ao avião, se lembrou que tinha esquecido os papéis da reunião’, ‘sua figura se assemelhava a natureza’, ‘o ser humano não tem limites’, etc.” (CAO, 2008, p. 75) São frases desprovidas de sexo, mas permeadas com ideias e ideais de gênero. Associações são feitas pelos seus alunos: como a do feminino com o doméstico e a do masculino com a ação, o poder; os homens são universais, as mulheres exceções. Segundo a autora, “(...) existe uma desolação entre os alunos, pois se sentem verdadeiramente mal ao perceberem como os esquemas de gênero estão profundamente ancorados em nós mesmos, mulheres e homens, e dar-se conta que temos de fazer uma revisão contínua de nossas ações.” (2008, p. 75) Acredito que os padrões de gênero persistem, mesmo quando repudiados por indivíduos. Eles persistem no subconsciente e ressurgem quando menos se espera. Um olhar carregado de ideias sociais e culturais influencia tanto nas leituras de imagens quanto no ato de criação. Como afirma Luciana Loponte:

Além dos elementos visuais e das nossas interpretações acerca do que o artista “quis dizer”, podemos considerar as produções artísticas como modalidades enunciativas que, na trama dos discursos que circulam em torno delas, colaboram para fixar e produzir identidades sexuais, femininas e masculinas. (2008, p. 155)

O masculino é comumente associado à agressividade, ao uso da força e à virilidade, e a mulher é submissa a essa agressividade, discurso esse que parece ser “natural” para alguns. As representações geradas pelo olhar masculino estão presentes na vida de todos, em revistas, na televisão, nos livros didáticos. Existe, conforme Loponte: “(...) uma rede de discursos, um jogo discursivo atuante que alia gênero, arte e poder, que produz efeitos em nossas práticas e em nossos modos de ver e que tem sistematicamente desfavorecido as mulheres.” (2010, p. 156) Durante minhas aulas de estágio na FACED, tive a oportunidade de aplicar um exercício semelhante ao de Cao, mencionado anteriormente, em uma aula experimental – pedi para que meus colegas (que no momento foram os meus alunos) escrevessem cinco palavras que, para eles, representassem masculinidade e outras cinco que representassem feminilidade. Pensando que os meus colegas são pessoas que têm (ou deveriam ter) “discursos mais feministas” e lutam por igualdade de direitos e que na semana anterior havíamos discutido justamente sobre os estereótipos em sala de aula e a nocividade dos mesmos, acreditava que as palavras associadas à masculinidade e à feminilidade não seriam os estereótipos que tanto tentamos extirpar do nosso vocabulário. A minha surpresa foi que, ao revelarem as palavras, exatamente o oposto ocorreu, todas palavras remetiam a uma ideia de masculinidade agressiva e feminilidade frágil, todos os meus “alunos” relacionaram suas palavras com ideias que eles próprios tentam extinguir, provando, talvez, que os padrões de gênero persistem, mesmo em indivíduos que os repudiam, mostrando, assim, que nós devemos fazer um esforço mais consciente em tentar abolir os mesmos.

Os olhares não são neutros. Existem valores e significados associados a imagens e ações. A arte foi, por muito tempo, uma das únicas formas de produção e reprodução de imagens e é, sem dúvida, um lugar de formação dos olhares aceitos como “corretos” e legitimados na sociedade. No decorrer da história, observa-se que são atribuídas ao olhar as relações de poder entre homens e mulheres, o homem possui o olhar ativo, a mulher é seu objeto. Os olhares e os lugares de onde se cria afetam as obras de artistas.

As mulheres, antes do grande *boom* do movimento feminista nos anos 60, tinham muitas de suas histórias contadas por outros, pareciam destinadas a permanecer escondidas, fosse em casa ou em museus. Os estudos feministas procuram, desde sempre, questionar estas histórias contadas de pontos de vista muito específicos, e que estão a serviço de um discurso

que reitera uma hierarquia social já estabelecida. O feminismo, segundo Hall:

(...) faz parte daquele grupo de "novos movimentos sociais", que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contra culturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do "Terceiro Mundo", os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com "1968". (1992, p. 44)

Os Estudos Feministas permaneceram preocupados, por muito tempo, com as relações de poder. Inicialmente esses estudos procuraram demonstrar as formas de silenciamento, submetimento e opressão das mulheres. A exposição dessas situações parece ter sido indispensável para que se visibilizassem aquelas que, histórica e linguisticamente, haviam sido negadas ou secundarizadas.

As formas como as pessoas se comportam e se expressam são moldadas pelas culturas de que participam. Desde meados do século XX, filósofos, cientistas sociais e historiadores têm teorizado que Gênero - as funções, características e atividades que distinguem os homens das mulheres - não é inato, mas socialmente construído. Comportamentos que podem ser pensados e associados com o feminino ou masculino diferem de uma cultura para outra, assim como em períodos de tempo.

Muitas artistas usam seu trabalho para analisar, questionar e criticar as relações entre gênero e sociedade. À medida que o movimento feminista ganhou impulso na década de 1960 e 1970, artistas começaram a desafiar os papéis tradicionais das mulheres, abordando temas como, por exemplo, as mulheres nas esferas domésticas e públicas, assim como os padrões convencionais de beleza. Artistas também abordaram o tema da masculinidade, investigando como as pressões sociais e os meios de comunicação informam e moldam expectativas das mulheres e dos homens. Sobre tal tema, um exemplo desse estudo temos no livro de Carlos Reyero<sup>6</sup>, *Apariencia e identidad masculina: de la ilustración al decadentismo* (1996).

Enquanto muitas artistas têm abordado a construção social do gênero ao longo dos últimos cinquenta anos, elas não foram as primeiras a fazê-lo: Na primeira metade do século XX, artistas como Claude Cahun (1894-1954) e Frida Kahlo (1907-1954) fizeram autorretratos que enfatizavam a fluidez do gênero, recusando-se a aderir às características esteticamente masculinas ou femininas.

---

<sup>6</sup> Ver REYERO, Carlos. *Apariencia e identidad masculina: de la ilustración al decadentismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

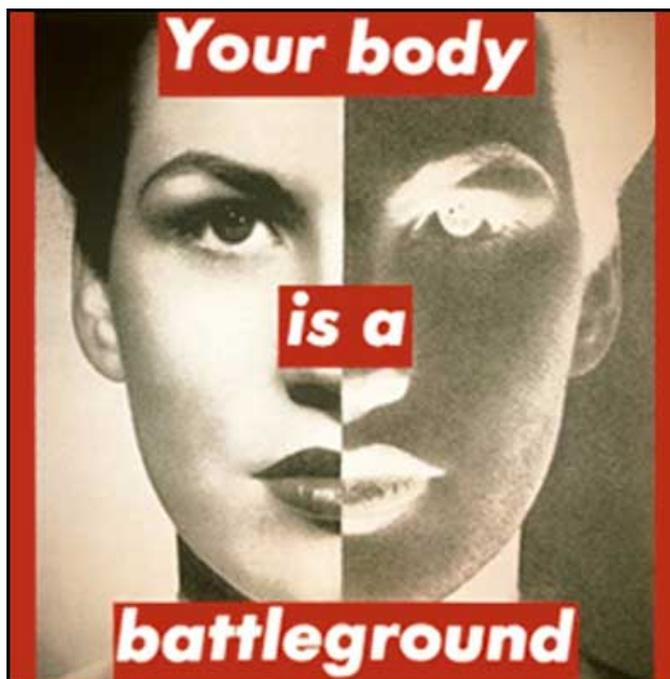


Claude Cahun, *Untitled c.*, 1921



Frida Kahlo. *Self Portrait with cropped hair*. 1940

Mais tarde, artistas como Yoko Ono (1933) em seu trabalho *Cut Pieces* de 1965, realizou uma performance em que ela deixou o público cortar pedaços de sua roupa. Também Marina Abramovic (1946) com *Rhythm 0*, em 1974, fez uma performance em que quase resultou na morte da artista. Ela dispôs de 72 objetos que colocados sobre uma mesa poderiam ser usados em seu corpo, dentre os objetos havia uma rosa, pena, perfume, mel, pão, uvas, vinho, tesouras, um bisturi, pregos, uma barra de metal, e uma arma carregada com uma bala. Ainda nessa linha temos Barbara Kruger (1945) com as suas colagens que lembram anúncios comerciais, mas com mensagens diretas de crítica ao tratamento da mulher na sociedade ocidental. Tais colagens provocam o olhar do expectador e falam de uma luta das mulheres em relação a seus corpos. Elas instigam o pensamento para além do óbvio. Muitas outras artistas também trabalharam para que houvesse um avanço quanto às desigualdades sociais. Ainda assim, as desigualdades persistem. O pensamento do senso comum que ainda permanece em certos contextos, hoje, é o de que as mulheres são tratadas de forma igual no mundo da arte, mas acredito que isso precisa ser desafiado. Algumas artistas conseguiram se inserir na história da arte como Tracey Emin (1963) e Cindy Sherman (1954), assim como as mencionadas acima, mas isso não significa que mulheres artistas alcançaram uma igualdade de representação, longe disso, a luta continua.



Barbara Kruger, *Your Body is a Battleground*, 1989

Quando pensamos em termos nacionais, então, a representação de mulheres artistas deixa mais ainda a desejar. Na minha formação existe uma lacuna de informações quando se trata de artistas mulheres brasileiras, principalmente da região Sul, onde moro e estudo. Durante minha formação no Curso de Licenciatura em Artes Visuais eu nunca tive contato, nas cadeiras de história da arte, com nenhuma artista que viveu ou vive em Porto Alegre. Desde as mais antigas como Maria Lídia Magliani (1946 – 2012) com um trabalho permeado de influências feministas; Alice Brueggemann (1917 – 2001), que fez parte da primeira geração de artistas mulheres a se profissionalizarem no estado do RS (POSSAMAI. 2013, p. 5), e Alice Soares (1917 – 2005) artista e professora do Instituto de Artes da UFRGS. As “Alices” foram duas das fundadoras da Escolinha de Arte<sup>7</sup> do Instituto de Artes em 1960; até as artistas mais recentes, como Carina Sehn (1981), uma *performer* que usa o próprio corpo para provocar o pensamento, sendo um de seus trabalhos mais famosos o *In[penetrável]*, uma performance recorrente onde ela se coloca nua e em posição fetal em locais públicos (ROSO, 2016). Também cabe mencionar a artista visual Cláudia Barbisan (1965 – 2015) que foi professora da ESPM<sup>8</sup>, como Regina Silveira (1939), artista com longo currículo e que,

<sup>7</sup> Escolinha de arte foi um incentivo de professores do Instituto de Artes que queriam oportunizar a crianças e adolescentes uma experiência de ateliê, inspirados pela Escolinha de Arte do Brasil, em atividade desde 1948. (POSSAMAI. 2013, p.10)

<sup>8</sup> A professora e artista ministrava disciplinas de História da arte e Desenho nos cursos de Design e Comunicação e no pós-graduação em Moda na ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing). Informação disponível em: < [https://issuu.com/galeriamamute/docs/claudia\\_barbisan\\_galeria\\_mamute\\_201](https://issuu.com/galeriamamute/docs/claudia_barbisan_galeria_mamute_201) >

recentemente, trabalha com sombras distorcidas no espaço para criar ambientes quase surreais. Para mim, ficam duas perguntas: por que essas artistas, algumas reconhecidas internacionalmente, não são mais mencionadas durante as aulas no Instituto de Artes da UFRGS? O que essa falta de artistas mulheres representadas fala sobre a educação no Brasil?

## **2 - A IMPORTÂNCIA DE MÚLTIPLAS HISTÓRIAS: QUAIS ARTISTAS ESTÃO PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO DE ARTE?**

*Que artistas estão nos livros didáticos de artes visuais hoje?  
Como são mostradas as mulheres artistas nos livros?  
De onde são os artistas visuais brasileiros que estão nos livros didáticos?*

Já é sabido que certas imagens, sendo do campo artístico ou não, são usadas para perpetuar padrões sociais desejados. A sociedade faz com que os papéis de gênero sejam considerados normais e esperados utilizando de ferramentas, como certas propagandas, fotografias, *posts* em mídias sociais, etc. para reiterar tais papéis, e isso acaba afetando a imagem esperada de homens e mulheres, criando, assim, estereótipos.

A escritora Chimamanda Adichie afirma que:

[...] nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. (2009, min 1:43)

Uma única história com um único olhar vindo de um único lugar cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentiras, mas eles são, certamente, incompletos. Eles fazem uma história tornar-se única, e isso é, ao meu ver, extremamente problemático. As diferenças estão aí para serem, se não celebradas, então aceitas, respeitadas.

Acredito que todos têm um papel e uma importância no mundo, que são lembrados e que podem e fazem a diferença nas vidas das pessoas com quem entram em contato. É difícil, no entanto, pensar assim quando uma esmagadora maioria de notícias, livros, propagandas, histórias em quadrinhos e assim por diante, falam e mostram exatamente o contrário. O senso

de pertencimento e importância no contexto social em que um indivíduo se encontra, assim como nossa própria subjetividade ficam reféns de estereótipos e pensamentos canônicos ocidentais, criados e perpetuados por aqueles no poder.

A identidade de um indivíduo consiste em vários fatores interseccionados, incluindo sexo, raça, etnia, classe e sexualidade. Na verdade, alguns preferem usar a palavra plural "identidades", enfatizando que a identidade é fluida e muda ao longo da vida. A identidade cultural contemporânea é extremamente diversificada, conforme Hall, "É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente" (1992, p. 13).

Pensando que os sujeitos são afetados por aquilo que os rodeia e levando em consideração que sou uma aluna de licenciatura, área que afeta diretamente pessoas, analiso neste capítulo quatro livros didáticos de duas coleções aprovadas pelo PNLD 2017 (Programa Nacional do Livro Didático), dois de sexto e dois de oitavo ano do ensino fundamental, já que são os anos das turmas em que atuei em meu estágio docente. O objetivo principal, inicialmente, foi o de averiguar, nestes livros, alguns dados, como por exemplo: quantas mulheres artistas estão representadas neles, de onde elas são e como estão sendo mostradas. Para isso, formulei perguntas sobre o tema como: As mulheres artistas estão em foco nas páginas? Quais são as informações registradas sobre *as artistas*, comparadas com as informações dadas sobre *os artistas* em um mesmo livro? Além disso, procurei olhar para os artistas brasileiros, ambos homens e mulheres, nestes livros: de onde são? Com base nessas perguntas, construí algumas tabelas que estão ao longo do texto e nos apêndices, com informações de dados quantitativos que, certamente, não conseguirei explorá-los na sua totalidade, neste TCC. Assim, pretendo analisá-los com maior profundidade em futuros trabalhos de formação acadêmica: especialização, mestrado ou doutorado.

Tabela com dados gerais sobre a presença de homens e mulheres representados nos LD (Livros Didáticos)<sup>9</sup>:

	Artistas Homens Brasileiros	Artistas Mulheres	Artistas Mulheres Brasileiras
Coleção Por Toda Parte 6°	13	5	5
Coleção Por Toda Parte 8°	8	9	6
Coleção Mosaico 6°	13	10	5
Coleção Mosaico 8°	14	5	3
TOTAL	48	28	18

Essa tabela nos mostra, com números, a contabilização de artistas visuais encontrados nos quatro livros analisados, entre eles/as: artistas homens brasileiros, artistas mulheres internacionalmente e artistas mulheres brasileiras, mas o que mais esses números mostram? Existe uma imensa disparidade entre a quantidade de artistas mulheres e artistas homens brasileiros nos livros, e quando olhamos apenas para as artistas mulheres brasileiras a distância entre os números aumenta. Foram citados e mostrados muito mais artistas homens do que artistas mulheres. Mesmo sendo um dos critérios para a aprovação dos livros didáticos a presença de mulheres artistas<sup>10</sup>, elas parecem apenas ocupar uma cota mínima que garantiria a aprovação do livro. Como foi mencionado no capítulo anterior, existe uma falta de representação e registro de mulheres artistas e isso parece estar bem marcado nos livros didáticos analisados.

Com a exceção do livro do 8° ano da coleção *Por Toda Parte*, que teve número menor de artistas homens – não contando coletivos – a discrepância entre os números de artistas homens brasileiros e artistas mulheres do mundo inteiro é gritante. Ainda assim, nesse livro, ao olhar o número de páginas dedicadas aos artistas, os homens contabilizam 20 páginas,

<sup>9</sup> Coleção Por Toda Parte – 6° e 8° anos do Ensino Fundamental - Anos Finais, Arte - Autores: Solange Utuari, Carlos Kater, Bruno Fischer e Pascoal Ferrari - Primeira Edição, São Paulo, 2015 - Editora: FTD.

Coleção Mosaico – 6° e 8° anos do Ensino Fundamental - Anos Finais, Arte - Autores: Béa Meira, Silvia Soter, Ricardo Elia e Rafael Presto - Primeira Edição, São Paulo, 2015 – Editora Scipione.

<sup>10</sup> Os critérios do PNLD Arte podem ser encontrados no edital do PNLD 2017, disponível em <http://www.fn.de.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/6228-edital-pnld-2017>, acesso em 19 de dez, 2016.

enquanto as mulheres (internacionalmente) tem apenas 15. Por que artistas homens conseguem mais páginas do que artistas mulheres nos livros didáticos? Teoricamente, as obras seriam igualmente importantes e relevantes para os assuntos a serem tratados nos capítulos onde se encontram os artistas.

Nos livros analisados da coleção *Por toda parte*, existe uma seção que se chama “Palavra do artista”, onde o livro dedica um espaço para discorrer sobre a vida dos artistas que tem a ver com o assunto do capítulo. Em toda extensão dos dois livros existem vinte e quatro “palavras do artista”, porém, foi cedido espaço para apenas cinco mulheres, enquanto houve, entre os homens, até um padre Jesuíta, Serafim Soares Leite, que não era artista, mas sim um historiador português. Rosana Paulino é a única, das cinco artistas visuais citadas no livro, que tem sua história de vida contada no livro do 6º ano. Ambos, Padre Serafim e Rosana Paulino, tem uma página nessa seção contendo um pequeno retrato e um texto escrito por eles. Ainda sobre a artista Rosana Paulino, ela parece ocupar, nos livros que analisei, um lugar que “atenderia” a vários critérios de aprovação do PNLD, porque Paulino é uma mulher negra, de origem pobre e seu trabalho trata das questões de racismo e de gênero.

No livro do 6º ano da coleção *Por toda a parte*, e ainda considerando a artista Rosana Paulino, temos outro exemplo de discrepância no tratamento dado a homens artistas brasileiros e mulheres artistas brasileiras. Rosana Paulino é a artista mulher com mais páginas cedidas à sua obra, contabilizando quatro páginas, divididas entre imagens e texto; enquanto Candido Portinari, neste livro, tem um espaço de 13 páginas. Nessas páginas dedicadas ao artista existem inúmeras imagens e textos de suas obras. Os dois artistas têm suas obras utilizadas como ponto de partida para a reflexão sobre arte, entretanto, Portinari recebe claramente mais atenção e visibilidade que Paulino.

Se formos considerar e comparar o número de páginas ocupadas, em ambas as coleções, por obras de artistas homens e de artistas mulheres, podemos notar a mesma disparidade nos números. No livro do 6º ano da coleção *Por toda Parte* foram cedidas 31 páginas aos artistas homens brasileiros, enquanto as artistas mulheres ficam para trás, contabilizando apenas 10 páginas. No livro de mesma coleção do 8º ano, os artistas homens brasileiros contabilizam 20 páginas, enquanto as mulheres, internacionalmente, tem 15 páginas, e as Brasileiras, 12. Ao analisar os livros da coleção *Mosaico*, o livro do 6º ano mostra 13 páginas para artistas brasileiros homens, 12 para artistas mulheres internacionais e 7 para artistas Brasileiras. No livro da mesma coleção do 8º ano a situação não melhora, há 16

páginas dedicadas às obras de artistas homens brasileiros, 7 páginas dedicadas às artistas mulheres internacionais, e apenas 5 para artistas mulheres brasileiras.

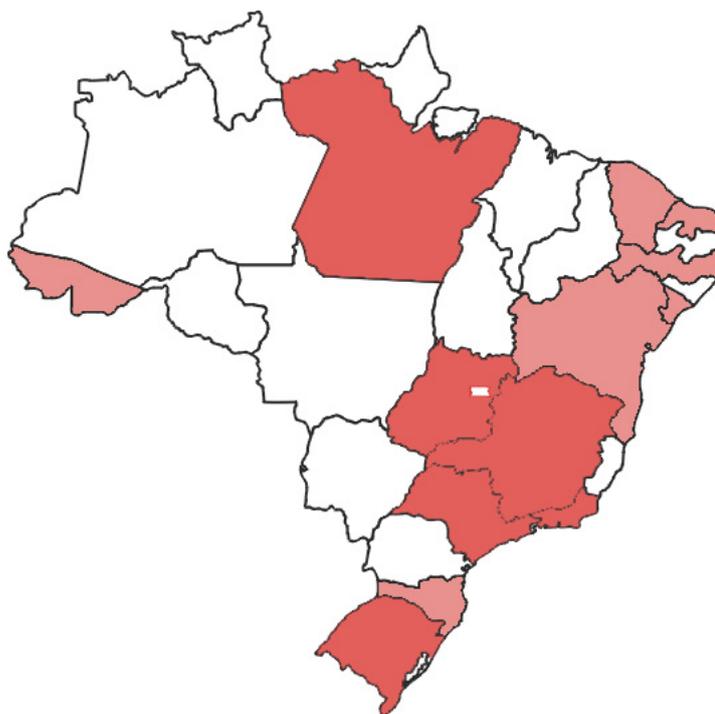
Na Coleção *Mosaico*, o livro do 8º ano do ensino fundamental se destacou, ao contrário do livro do 8º ano da coleção *Por toda Parte*, por ter o menor número de artistas visuais mulheres. De todos os artistas brasileiros mencionados no livro apenas três são mulheres. Nessa direção, pergunta-se: De onde são as artistas mulheres apresentadas nos livros? Existem mulheres artistas do norte do país? Em que região estão a maioria dos artistas brasileiros representados nos livros didáticos que irão para as escolas de todo país no ano de 2017?

Tabela com dados sobre os estados de artistas homens e mulheres brasileiros nos quatro LD analisados<sup>11</sup>:

Estado	Artistas Homens	Artistas Mulheres	Total
RJ	11	6	17
SP	9	6	15
MG	7	2	9
RS	2	1	3
PA	1	1	2
GO		1	1
RN	2		2
BA	2		2
PE	2		2
CE	2		2
AC	2		2
SE	1		1
SC	1		1

---

<sup>11</sup> Números entre as tabelas apresentadas podem variar devido à falta de informação quanto a proveniência de artistas.



Todos estados marcados tem artistas homens, os estados mais escuros tem, também, artistas mulheres

Como podemos perceber na tabela e imagem acima, a maior parte dos artistas brasileiros representados nos livros didáticos analisados ficam na região Sudeste do País, o que já era esperado, tendo em vista que essa é a região mais economicamente privilegiada da nação e, por isso, sempre mais mencionada. 13 estados Brasileiros tiveram seus artistas, homens, mencionados e em apenas 6, desses 13 estados, as artistas mulheres foram mencionadas. E os artistas dos outros estados? Onde estão as outras artistas mulheres do Brasil? Por que a história do eixo Rio-São Paulo é a mais contada entre todo o Brasil? Para esses questionamentos, penso no compromisso de professora que me leva a outra pergunta: Como podemos fazer as outras histórias do resto do país serem contadas?

Como traz a autora Chimamanda Adichie “Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal.” (2014, p. 8), mas o não questionamento da ausência de mulheres artistas brasileiras nos livros didáticos, nos livros de história não é nada normal. Se as mulheres artistas das diferentes regiões do Brasil não forem mostradas, se elas não estiverem destacadas nos livros didáticos de ensino de arte, provavelmente as estudantes das diferentes escolas de nosso país não se identificarão com as mesmas. Como vemos, pela representatividade que temos hoje nos livros didáticos, o conteúdo “arte e suas representantes mulheres”, traz uma visão de mundo em que são poucas as artistas que ocupam papéis importantes na sociedade. É por isso que programas de

incentivo à inserção de mulheres nos campos mais diversos, como nos livros didáticos, por exemplo, é muito importante.

### **3 - ESTÁGIO: SOBRE A AUSÊNCIA E A PRESENÇA DE ARTISTAS MULHERES NA SALA DE AULA - O QUE FOI POSSÍVEL FAZER**

*Quais são as histórias das mulheres contadas na escola?  
Que perguntas devemos fazer ao darmos uma aula?*

Durante a experiência de estágio, foi possível participar de algumas reuniões de professoras, assim como presenciar diversas conversas entre professoras, alunos, funcionários.

É fácil perceber no dia a dia escolar uma falta de variedade de representação do feminino, assim como uma falta de sensibilidade para percebermos uns aos outros de forma a reconhecer que todos têm uma vida complexa e importante. Essa falta de sensibilidade e representação fazem com que eu me motive a usar o meu lugar relativamente privilegiado de mulher cisgênera, branca e de classe média, para chamar atenção à representação e à diversidade nas histórias e discursos trazidos para a escola. É de extrema importância o papel dos professores que fazem curadorias de imagens que serão levadas às aulas, pois eles/as escolhem ou não perpetuar estereótipos, questionar significados, fazer conscientizações, etc.

Ao entrar em uma sala de aula qualquer, durante o período de Artes, há um grande risco de ver alunos desinteressados ou se, interessados, ficam confusos com o que estão fazendo. Uma das possíveis explicações para isso acontecer pode ser a falta de relação entre o que está sendo trabalhado em sala de aula, na maioria das escolas, e o cotidiano dos alunos. As observações foram um instrumento de extrema importância para o mapeamento dos discursos de professores e alunos sobre gênero e tipos de representação das mulheres trazidas para as salas de aula. Como traz Loponte:

Se pensarmos nas imagens presentes nos corredores das escolas, e nos livros didáticos [...], há pouco espaço para múltiplos femininos que escapam das imagens consagradas de mães abnegadas subservientes, dedicadas e sensíveis, ou

configurações masculinas que não correspondam a pais heróis, provedores e estáveis emocionalmente. (2008, p. 160)

Percebo, como aluna de licenciatura, uma repetição de estereótipos da mulher nas escolas em que tive contato. As imagens espalhadas pelas escolas que representam as mulheres tratam apenas da mulher mãe, da mulher que cozinha, costura e trabalha em casa; que é sensível, a princesa que usa rosa, etc. Não acredito que haja algo errado em ser uma mulher que adota todas essas características, mas há uma falta de representação que eu nomearia como “alarmante”, de outros tipos de mulheres, mulheres que também praticam esportes, mulheres que trabalham fora de casa, mulheres transexuais, e isso é algo que me preocupa muito, pois a falta de visibilidade para esses grupos de mulheres, afeta o discurso e a postura diante de situações tão delicadas do cotidiano escolar. Assim, tais situações se chocam na relação entre o que é dito em sala de aula e o que os alunos levam consigo para as suas vidas a partir das aulas.

Para melhor situar o leitor do lugar de onde falo quando penso sobre o meu estágio docente, apresento aqui um breve “mapeamento” da escola onde o realizei. O estágio foi feito em uma escola pública estadual situada no Bairro Menino Deus, perto de onde moro. A Escola é relativamente grande e tem cerca de 512 alunos. Apesar de a Escola estar situada em um bairro de classe Média/Alta, apenas 1% dos alunos pertencem a esse bairro. A grande maioria deles vêm de bairros de classe baixa. A realidade é que os pais desses alunos vêm trabalhar na região e matriculam os seus filhos nessa escola<sup>12</sup>.



Sala de Artes

---

<sup>12</sup> Dado fornecido pelo Diretor.

A escola é muito bem equipada quando não trata da área de artes, porque conta com uma sala de vídeo, uma de informática, um ginásio esportivo, uma biblioteca e com rampas de acesso a todos os andares e salas adaptadas a alunos portadores de deficiência. Infelizmente a sala de “Educação Artística” ficou defasada nas renovações. A sala de artes é muito pequena, tem quatro mesas redondas, dois armários grandes de madeira e uma estante de metal que quase não cabem na sala, fica impossível levar uma turma com mais que 12 alunos para essa sala. Todos esses móveis nessa minúscula sala fazem com que seja uma tarefa impossível trazer uma turma para ter aulas nela. É uma sala que serve como depósito e não como sala de aula. Nas prateleiras existem projetos de ciências esquecidos, brinquedos da educação infantil, livros didáticos de outras matérias que não de artes e, durante a aplicação do meu estágio, abrigaram as pastas elaboradas pelos alunos, contendo seus trabalhos feitos nas aulas de artes.



Corredor com rampa do segundo andar

Houve três períodos semanais de observação e depois de aplicação do projeto de ensino elaborado nas aulas de estágio da faculdade, um dos períodos com o oitavo ano e dois com o sexto do Ensino Fundamental. Assim que entrei na escola para observar as aulas e as turmas que foram destinadas a mim, ouvi comentários de professores e da coordenação que taxavam, por exemplo, o oitavo ano de “a melhor turma da escola” porque eram relativamente quietos e solícitos, apesar de não se mostrarem interessados na escola. Também por essa ser uma turma pequena de mais ou menos 20 alunos. Já o sexto ano foi taxado de “a pior turma da escola”, pois são bastante agitados, conversam muito e precisam de muita atenção por parte dos professores. O oitavo e o sexto ano tem suas aulas de artes no primeiro período de terça e sexta-feira, respectivamente.



Sala de estudos (sala dos professores)

A sala de professores da escola é um lugar para os professores prepararem as suas aulas e os materiais que serão usados nelas (tem computador com acesso à Internet, guilhotina, folhas de ofício, copiadora, etc.), assim como lugar para socialização e troca de ideias. Os corredores da escola estão permeados de cartazes de “utilidade pública”, como: prevenção contra a dengue, os sintomas da zika, etc. Não tem, na escola, nenhum tipo de exposição dos trabalhos artísticos dos alunos.

Não há também, nessa escola, reuniões de planejamento. As reuniões pedagógicas que existem são para anúncios e divisão de tarefas para festas etc., não para discussão de planos de ensino. A escola tem várias festas durante o ano como Festa Junina, Dia da Consciência Negra, Natal, etc. A coordenação da escola tem uma política interessante quanto ao dia das mães e dos pais, decidiram não os comemorar, mas sim fazer homenagens às famílias, pois todas são diferentes e muitas não têm nem mãe, nem pai. Entretanto, essa política de “aceitação” que vem da coordenadoria fica só por lá, as falas reproduzidas pelos professores e alunos no dia a dia escolar são falas recheadas de preconceito racial, misóginas, agressivas e que perpetuam estereótipos. A meu ver, são falas muito nocivas para o funcionamento do ambiente escolar. “[...] se a escola ainda é o reino das imagens e fórmulas repetidas, dos estereótipos e binarismos que se tornam verdades quase inquestionáveis, há com certeza, muito o que fazer [...]” (LOPONTE. 2008, p. 161). É necessário que os docentes se conscientizem sobre essas questões, sobre as suas atitudes, problematizando-as repetidamente, porque tais questões afetam também os seus alunos, diretamente.

A professora da matéria de Artes comenta que não sente dificuldade em trabalhar os conteúdos, só sente que os alunos não têm nenhum tipo de conhecimento do campo artístico

antes de ter aula com ela. Acredita que mais importante que um conteúdo específico, “Ed. Artística” é importante como conhecimento geral, amplia os horizontes e faz com que os alunos possam interagir com outros grupos sociais.

Uma fala da professora me chamou a atenção: "Os alunos são muito bem educados na escola da vida e percebem o desempenho dos professores. As professoras que subestimam os alunos não conseguem dar uma boa aula". Apesar do discurso muito bonito da professora, a realidade que percebi nas minhas observações em sala de aula era bastante contrastante. Existia uma falta de compromisso da professora com as aulas e com os alunos, aulas que não faziam sentido para eles, atividades de prática artística vazias. Durante todo o período de observação registrei que apenas os alunos do sexto ano viram, uma vez, imagens na sala de aula, que serviam como guia para cópia. Além disso, a professora foi bastante criticada pelos alunos, que não conseguiam, e temo que continuarão não conseguindo, ver sentido em aulas de arte que falam apenas de formas geométricas, não conectando o conteúdo trabalhado, de nenhuma forma, com a vida dos alunos. Relato tudo isso com um olhar de fora, olhar de constatação. Tenho certeza que a professora pensa suas aulas e acredita que são as melhores aulas de arte que podem ser dadas no momento. Mesmo assim, acredito que são aulas que, ao não fazerem *links*, não chamarem a atenção dos alunos, não interessarem a eles, acabam se tornando vazias, sem sentido, como foi comentado pelos próprios estudantes da escola.

Com essa preocupação em relação às aulas, como fiz para pensar um projeto de ensino que tinha a ver tanto com a realidade e vida dos alunos, quanto com o meu tema de interesse e pesquisa?

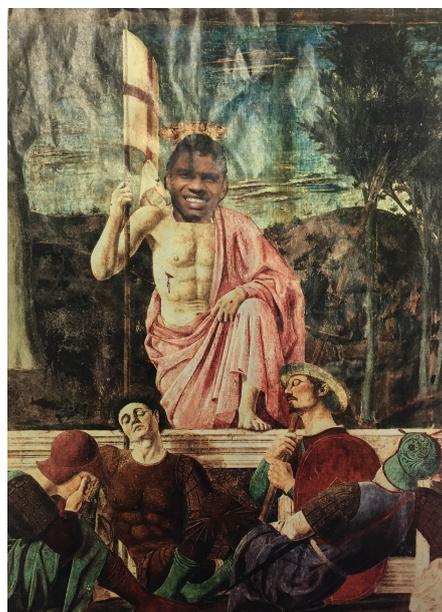
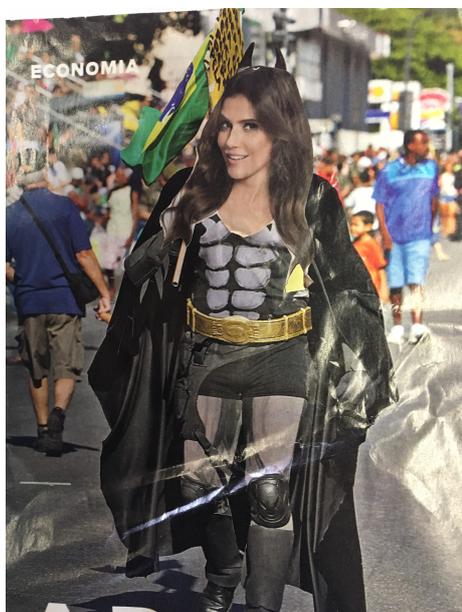
Comecei o projeto de ensino pensando nas necessidades que percebi nas turmas. É um projeto único, com objetivos gerais que abrangem as necessidades das duas turmas em que atuei, apesar de muitas das aulas serem diferentes. Tentei, com meu projeto, planejar aulas que fizessem sentido para os alunos, que fizessem com que eles tivessem vontade de ir à escola e para que eles se sentissem parte das aulas, atuantes e necessários.

O Oitavo ano era uma turma muito apática, não participava de discussões, não fazia as tarefas propostas pela professora, nem se interessava pelas aulas de artes. Após conversar um pouco com os alunos, e também ao assistir as aulas da professora, comecei a perceber que os alunos não estavam sendo convidados, de fato a participarem. Os assuntos trazidos não eram de interesse deles, eles não conseguiam se relacionar com o que era dito, viam as atividades de desenho livre, que foram passadas a eles em repetidas aulas, como vazias e sem

sentido. Por isso, e porque acredito que para qualquer aula “funcionar” ela deve convidar a todos presentes a participarem ativamente dela, as aulas do Oitavo Ano ficaram divididas em quatro diferentes momentos: Sondagem, Estereótipos, Autorretrato e Retrato.

O sexto ano era uma turma demasiadamente agitada, eles, assim como o oitavo ano, também não faziam a maioria das tarefas propostas pela professora. Eram uma turma sempre em movimento, demandando muita atenção para que o ténue controle das atividades não fosse perdido. Nessa turma, durante as minhas observações, notei um comportamento agressivo entre os alunos que eu não percebi na outra turma observada. Por isso, ao elaborar as aulas do projeto de ensino para a turma do sexto ano, pensei em atividades que pudessem captar essa energia que exaltavam para transformá-la em algo produtivo, assim como atividades que separassem os “grupinhos” e unissem a turma como um todo. Também dividi em cinco etapas essas aulas, são elas: Sondagem, Identidades Fragmentadas, Estereótipos, Autorretrato e Retrato.

Em um primeiro momento, as aulas das duas turmas se organizaram de maneira a convidar os alunos a compartilharem seus gostos e desgostos, a trazerem suas obras preferidas e a pesquisarem novas obras e artistas para que seus repertórios se expandissem. Para isso, utilizei os trabalhos de *assemblage* das artistas Betye Saar (1930) e Janice Lowry (1946 – 2009), convidando os alunos a pensarem sobre si próprios e, mais tarde, a fazerem os seus próprios trabalhos de *assemblage*.

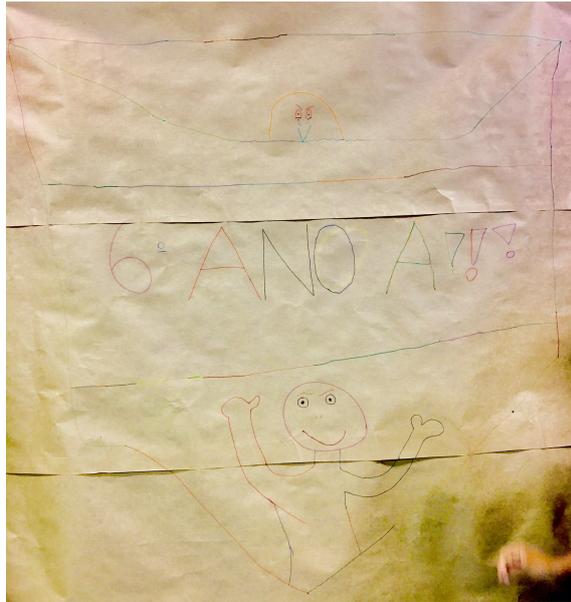


Trabalhos de colagem produzidos por alunas do 8º Ano A

Na segunda etapa os alunos do 8º ano foram convidados a direcionarem os seus olhares para os estereótipos encontrados no cotidiano e que os rodeavam, analisando imagens e produzindo um trabalho de colagem individual que subverteria os estereótipos escolhidos por cada aluno para serem discutidos. Nesta etapa, mostrei a eles os trabalhos de Fred Wilson (1954) e Uldus Bakhtiozina (1986) para que pensassem sobre o assunto. As aulas em que lidamos com o tema estereótipos foram muito produtivas no oitavo ano. As meninas da turma, em sua grande maioria negras, se viram bastante afetadas pelo assunto, o que fez com que elas compartilhassem as questões de preconceito racial e estereótipos de gênero que vivenciam e estão muito presentes em suas vidas.

Ainda no 8º ano, o projeto convidou os alunos a pensarem em si próprios, trabalhando com o tema do Autorretrato, pensando em como e em quem são eles e elas. Nesse momento eles realizaram alguns desenhos. Eu utilizei nessas aulas reproduções de obras de Nona Faustine e Giuliano Lucas para discutir a maneira como tais artistas se mostram para o mundo. Depois dessa etapa o 8º ano foi convidado a pensar em como mostrariam os colegas, realizando retratos deles, pensando no assunto a partir dos trabalhos de diversos artistas.

Já no sexto ano a segunda etapa do projeto convidou os alunos a pensarem sobre as diferentes identidades que existem na turma (“*nerd*”, artista, boleiro, etc.), e nas individualidades de cada aluno e o que os diferenciam. Pensar também em como essas identidades devem ser respeitadas através de um trabalho de pintura coletiva que pede a participação conjunta da turma, com o intuito de unir uma classe muito diversificada. Por sugestão dos alunos, essa etapa serviu para criar um mascote que representasse a turma. A resposta dos alunos, durante a atividade do mascote foi muito positiva, porque a iniciativa partiu deles próprios. A atuação em sala de aula da turma foi bastante diferente do que em outras atividades, ele se ajudaram e não se separaram em pequenos grupos, como era o costume.



Brasão da turma 6º ano A, criado em conjunto pela mesma

Em um terceiro momento, o projeto convidou os alunos do 6º ano a pensarem em estereótipos vividos em seus cotidianos, a partir de colagens, depois, pensando na música *Ser diferente é normal*, gravada pelo cantor Gilberto Gil e sua filha, Preta Gil. Já o poema *Autorretrato*, de Mário Quintana, foi escolhido para que os alunos pensassem sobre o que os faz serem diferentes uns dos outros. Seguindo o pensamento sobre si, eles foram então convidados, em uma outra etapa, a desenharem a si próprios, considerando como gostariam de ser vistos, tentando mostrar elementos de suas personalidades.

Em uma última etapa os alunos do 6º ano foram convidados a fazer retratos dos colegas, considerando características físicas, suas personalidades, seus interesses, etc. O aluno deveria explicar nesta etapa, qual foi o colega retratado e o que ele escolheu mostrar, quais características elegeu sobre o colega. Os alunos, nessa etapa, decidiram escrever características dos colegas que deveriam retratar, criando interessantes mesclas de elogios e insultos, gerando discussões produtivas sobre o trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei meu trabalho falando sobre um sentimento de falta. Durante a execução do mesmo percebi que há, realmente, uma enorme falta, não de pesquisadores sobre o assunto aqui no Rio Grande do Sul, mas sim de visibilidade dada ao assunto, Representação da Mulher no Campo da Arte. Mudanças dessa magnitude não acontecem do dia para a noite, existem pessoas lutando para fazer a diferença, para trazer essa visibilidade. Mulheres Artistas, Professoras, Pesquisadoras, entre outras, que usam de seu trabalho como plataforma para falar de suas inquietações. Existem pessoas trabalhando para que mudanças aconteçam positivamente, mas ainda é preciso quebrar um sistema milenar de opressão e apagamento.

Atingir o cotidiano das pessoas me parece necessário para que essas mudanças positivas aconteçam. Os livros didáticos parecem, para mim, um excelente recurso para que milhares de pessoas sejam tocadas, todos os dias, por um repertório de artistas mais diversificado e mais representativo da realidade do país onde moramos. Durante meu trabalho, percebi que há uma pequena iniciativa de mudança quanto aos Livros Didáticos, afinal, um dos critérios para a aprovação dos mesmos era que existissem artistas mulheres presentes. Mesmo assim, os números mostram que ainda há muito trabalho pela frente para que existam, pelo menos, o mesmo número de artistas mulheres representadas nos livros do que de artistas homens.

Este trabalho se encerra com poucas conclusões e muitas inquietações. Trabalhar com artes visuais de forma diferenciada no ambiente escolar é um grande desafio. As escolas e os professores, sem falar nos alunos que já estão inseridos no meio, podem não ser receptivos às propostas de quem chega, de quem é novo nesse espaço, mas acredito que isso não deve servir de desculpa. Incitar mudanças e plantar sementes de pensamentos, questionamentos, é o que faz o trabalho de professor poder ser tão gratificante.

Quanto à representação das mulheres em sala de aula, foi notável em meu trabalho de pesquisa a falta das mesmas. Quando eu mostrei uma artista mulher às alunas, elas ficaram pasmas, nunca haviam pensado que uma mulher poderia ser artista, quanto mais uma artista de sucesso. A efetiva representação de mulheres em papéis de poder/sucesso nas mais diversas áreas é de extrema importância. A influência que a normalização por repetição tem nas pessoas é imensa, por isso devemos utilizar recursos como os livros didáticos, por exemplo, para incluir as mulheres em todas as áreas do conhecimento.

Acredito que esse trabalho não termina aqui. A pesquisa continua, o pensamento consciente, a maneira de agir no dia a dia, como nós afetamos aqueles ao nosso redor, continuam sendo ações importantes. O assunto de que trato é mutável, minha esperança é de que, em tempo, esse trabalho se torne obsoleto, que não se precise mais falar sobre a representação de mulheres nas mais diversas áreas, assim como a falta de representação de pessoas negras, portadoras de deficiência e tantas outras ausências. Mas, por enquanto, pequenos atos políticos, como, por exemplo, o de apenas mostrar artistas mulheres e homens negros para os meus alunos, são importantes. É sobre insistir, é disso que falo – mostrar pessoas, das mais diversas etnias, por exemplo, é revelar que elas existem e que fazem parte da história. Acredito que esse é um dos importantes papéis de uma professora de Artes. Ainda é necessário promover o pensamento consciente sobre o assunto, ainda é necessária a luta por direitos e igualdade.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The Danger of a Single Story*. TED Global, 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story)>. Acesso em: 24 Nov. de 2016.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos Feministas*. Brasil. Editora Companhia das Letras, 2014. Tradução: Christina Baum
- ALIAGA, Juan Vicente. *Arte y cuestiones de género, una travesía del siglo XX*. Editora Nerea, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CAO, Marián López Fernández. *Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística*. IN: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Ed. SENAC, 2008, p. 69–85.
- FRICKE, Mabel. *O Feminino contrariado na Arte*. Trabalho de Conclusão de Curso, Porto Alegre: UFRGS, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1ª edição em 1992. Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.
- LERNER, Gerda. *Why History Matters: Life and Thought*. New York: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1997.
- LOPONTE, Luciana Grupelli. *Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas*. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6346/000484287.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 jun. de 2016.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.148-164, Jul/Dez 2008.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Alices: cenários de vida e Arte*. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/museu/museu-inaugura-nova-exposicao-1/Material\\_Didatico\\_de\\_Formacao\\_de\\_Professores\\_VERSAO\\_FINAL.pdf](http://www.ufrgs.br/museu/museu-inaugura-nova-exposicao-1/Material_Didatico_de_Formacao_de_Professores_VERSAO_FINAL.pdf)> Acesso em 7 de Dez. de 2016

ROSO, Larissa. *Atriz nua intriga frequentadores da Redenção com performance*. Zero Hora Clicrbs, Porto Alegre, 26 de Jun. de 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2016/06/atriz-nua-intriga-frequentadores-da-redencao-com-performance-6202962.html>> Acesso em 7 de Dez de 2016.

UFRGS TV. *Lugar de Mulher* - Nadia Bertini. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z3MygQaKz1A>>. Acesso em: 7 de Dez. de 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

## APÊNDICES

A – Tabela de mapeamento de artistas e páginas dos livros didáticos de sexto e oitavo ano da série Por toda Parte

Livro	Página	Obra	Artista/Nacionalidade/ Nascimento	Comentário	Artista Mulher
Por toda parte - 6º Ano	10, 11, 12, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 29, 30	Paz e Guerra, 1952 – 1956, Pintura em Painéis	Candido Portinari, Brasil, SP, 1903 – 1962	Várias páginas e texto dedicados não só a obra mas ao artista.	-
	16, 17	Divisor, 1968, Performance	Lygia Pape, Brasil, RJ, 1927 - 2004	Meia página e dois parágrafos dedicados à obra, nada sobre a artista	Sim
	30	Graffiti em prédio	Grupo OPNI (Objetos Pixadores não identificados), Brasil, SP,	Um terço de página para a obra	-
	56	Circo, 1957, Pintura	Candido Portinari, Brasil SP, 1903 – 1962	Uma página inteira para a obra	-
	97	Abaporu, 1928, Pintura	Tarsila do Amaral, Brasil SP, 1886 - 1973	Meia página para a imagem da obra	Sim
	110	Menina Índia, 2003, Pintura	Oséias da Silva, Brasil RS, 1971	Meia página e um parágrafo dedicados à obra e ao artista.	-
	137	Abajur, 1997 – 2010, Instalação	Cildo Meireles, Brasil RJ, 1948	Uma página com fotografias da obra	-
	140, 142, 143	Primeira missa no Brasil, 1860	Victor Meirelles, Brasil SC, 1832- 1903	Meia página para a imagem da obra, detalhes da obra	-

	141	Fundação da cidade de São Paulo, 1913, Pintura	Antônio Parreiras, Brasil RJ, 1860 - 1937	Meia página para a imagem da obra	-
	144	Descobrimento, 1956, Pintura	Candido Portinari, Brasil, SP, 1903 – 1962	Meia página para a imagem da obra	-
	147	Painel de Azulejos, 20__	Coletivo MUDA, Brasil, RJ	Uma página e meia com imagens das obras do coletivo	-
	149, 150	Azulejos de Papel, 2010	Coletivo Poro, Brasil, MG	Duas páginas com imagens das obras do coletivo	-
	166, 167	Mãe Sertaneja, 2009	Amér Jacomé, Brasil RN, ____	Duas páginas com imagem da obra	-
	168	Pintura sobre prato,	Rosana Palino, Brasil, SP, 1967	Meia página com imagem da obra	Sim
	170	Composição e cores 2, 20__	Amér Jacomé	Meia página com imagem da obra	-
	171	Pelé, 2006	Gustavo Rosa, Brasil, SP,	Meia página com imagem da obra	-
	173	Flamengo, 2011	José Sabóia Nascimento, RJ	Meia página com imagem da obra + um parágrafo falando sobre	-
	174	Assentamento nº3, ____	Rosana Paulino, Brasil, SP, 1967	Meia página com imagem da obra + três parágrafos falando sobre	Sim
	177, 178	Esculturas de Mestre Didi	Mestre Didi, Brasil, BA, 1917 - 2013	Duas páginas com imagens e texto falando sobre o artista e suas obras	-
	179	Escultura sem	Rubem Valemim,	Um quarto de página	-

		título, 1979	Brasil, BA, 1922 - 1991	com imagem da obra + um parágrafo sobre	
	183, 184, 185	Assentamento	Rosana Paulino, Brasil, SP, 1967	Duas páginas com imagens da obra + texto + uma página com entrevista com a artista	Sim
	188, 189, 190	Holi, serie Multidões, 2011	Guilherme Kramer, Brasil, SP, 1978	Duas páginas com imagem da obra + um parágrafo + imagens do processo de criação do artista	-
	211	Maracatu Rural, 2009	Bebeth, Brasil RJ, 1949	Meia página com imagem da obra	Sim
	212	Frevo Pernambucano, 1012	Antônio Militão dos Santos, Brasil, PE	Meia página com imagem da obra	-
	213	Ciranda de Gente, 2014	Andrea Texeira Leite, Brasil, RJ, 1962	Meia página com imagem da obra	Sim
	224	Retrato de Mário de Andrade, 1922	Tarsila do Amaral, Brasil, SP, 1886 - 1973	Pequena imagem da obra da artista, mas a página fala sobre o poeta	Sim
	251	No ateliê, 1918	Arthur Timótheo da Costa, Brasil, RJ, 1882 - 1923	Pequena imagem da obra	-
Por toda pARTE - 8º Ano	12 - 26, 27, 28 - 29	Aparelho cinecromático, 1969	Abraham Pallatnik, Brasil, RN, 1928	Meia página com imagem da obra – 7 parágrafos mais imagens falando da obra – Palavra do artista	-
	13 –	Inferninho,	Luiz Zerbini, Brasil,	Meia página com	-

	30, 31 - 32	2010	SP, 1959	imagem da obra – 4 parágrafos mais imagens falando da obra – Palavra do artista	
	24	Cheia de Brilho da Vida, 2014	Yayoi Kusama, Japão, 1929	Meia página com imagem da obra + Um Parágrafo falando da obra e artista	Sim
	35	Polivolume, 1953	Mary Vieira, Brasil SP, 1927 - 2001	Pequena Imagem + uma menção no texto	Sim
	35	O Beijo, 1967	Waldemar Cordeiro, Itália, Cidadania Brasileira, 1925 - 1973	Pequena Imagem + uma menção no texto	-
	42	O Gabinete, 1999	Lucia Koch, Brasil RS, 1966	Pequena Imagem + um Parágrafo	Sim
	47 – 64 – 65 - 81	Instrumentos Experimentais, 2013	GEM, Brasil, 2003	Meia página com imagem da obra – Três parágrafos falando do grupo mais uma imagem – Palavra do Artista (Fernando Sardo) – Pequena imagem em linha do tempo	-
	86 – 92, 93 - 94	[Sem título], 1949 – parte da série de fotoramas	Geraldo de Barros, Brasil SP, 1923 - 1998	Meia página com imagem da obra – meia página com duas imagens pequenas e uma página e meia de texto sobre artista e obra – Palavra do Artista	-

	89	A Casa, 1976	Claudia Andujar, Suíça, 1931	Pequena imagem da obra	Sim
	90	Bumba meu boi + Mascarados na Festa do Divino, c. 1990	Rosa Gauditano, Brasil, SP, 1955	Duas pequenas imagens	Sim
	91	Fotografia de Resíduos de plásticos, 20__	Mandy Barker, Gra Bretanha, 19__	Pequena imagem + dois parágrafos falando sobre obra e artista	Sim
	105	Yanomami da aldeia Demini (Roraima) com beija-flor, 1991	Rosa Gauditano, Brasil, SP, 1955	Meia página com imagem da obra + texto pensando sobre a obra	Sim
	106	Tucano no galho de uma árvore, 2013	Joao marcos rosa, Brasil, MG, 1979	Pequena imagem da obra	-
	106	Detalhe de artesanato do Parque Nacional da serra da Capivara, 20__	Alexandre Baxter, Brasil, __, 19__	Pequena imagem da obra	-
	109	A coleta da Neblina, 1999	Brígida Baltar, Brasil, RJ, 1959	Pequena imagem da obra + três parágrafos sobre obra e artista	Sim
	110	Monumento mínimo	Nelé Azevedo, Brasil, MG, 1950	Pequena imagem da obra + dois parágrafos sobre obra e artista	Sim
	114 -	Bandolim,	Emídio Contente,	Meia página com	-

	131 - 133	2010 - Anjo, 2012	Brasil, PA, 1988	imagem da obra + texto pensando a obra – dois parágrafos falando da obra e do artista, pequenas imagens das obras – Palavra do artista	
	134	Eus, da Série Autorretrato, 2014	Rita Dcmarchi, Brasil SP, 19__	Pequena imagem da obra	Sim
	134	Eu/Helena/Eu, da Série Autorretrato, 2013			Sim
	135, 136, 137, 138	Série Arcos, 2015		Quatro pequenas fotos e texto da artista falando sobre a série	Sim
	205	Ilustração para o livro Guerra dos Mundos, 1906	Henrique Alvim Corrêa, Brasil RJ, 1876 - 1910	Pequena imagem e um parágrafo falando da obra e do artista	-

B - Tabela de mapeamento de artistas e páginas dos livros didáticos de sexto e oitavo ano da série Mosaico

Livro	Página	Obra	Artista/Nacionalidade/ Nascimento	Comentário	Artista Mulher
MOSA ICO – 6º Ano	17	Day tripper, 2011	Fábio Moon e Gabriel Bá, Brasil SP, 1976		-
	26	Os pescadores, 1951	Di Cavalcanti, Brasil RJ, 1897 - 1976	Meia página com imagem da obra + dois parágrafos	-

				falando de obra e artista	
	27	O Tempo e o Sono Vazio, 2000	Ernesto Neto, Brasil RJ, 1964	Meia página com imagem da obra + quatro parágrafos falando de obra e artista	-
	28	Sem título, 2011 - 2013	Chivitz, Brasil __, ____	2/3 da página com imagem da obra + um parágrafo sobre o "artista"	-
	30	Circleprototem ple...!, 2010	Ernesto Neto, Brasil RJ, 1964	Meia página com imagem da obra + dois parágrafos falando de obra e artista	-
	32	Autorretrato com colar de espinhos e beija-flor, 1940	Frida Kahlo, México, 1907 - 1954	Meia página com imagem da obra + um parágrafo falando da artista	Sim
	33	The Gipsy [Magna], 2008	Vik Muniz, Brasil SP, 1961	Pequena imagem da obra + um parágrafo falando da artista	
	44	Divisor, 1968	Lygia Pape, Brasil, RJ, 1927 - 2004	2/3 da página com imagem da obra + dois parágrafos falando da obra e artista	Sim
	46	Poder, da série Cacique de Ramos, 1972 - 1976	Carlos Vergara, Brasil RS, 1941	Meia página com imagem da obra + dois parágrafos falando da obra e	

				artista	
	47	[sem título], da série Silhuetas, 1978	Ana Mendieta, Cuba-America, 1948 - 1985	Meia página com imagem da obra + dois parágrafos falando da obra e artista	Sim
	48	Objetos para tampar o sol de sus olhos, 2010	Paulo Nazareth, Brasil MG, 1977	Meia página com imagem da obra + quatro parágrafos falando da obra e artista	
	50	Cena de Trio do embalo maluco, 1968	Lygia Pape, Brasil, RJ, 1927 - 2004	Pequena imagem da obra + texto sobre a obra	Sim
	55	Perucas, 1994	Lorna Simpson, EUA, 1960	Meia página com imagem da obra + legenda com informações sobre artista e obra	Sim
	62	Capas de revistas Para Todos..., 1919 e 1932	J. Carlos, Brasil RJ, 1884 - 1950	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	65	Fardão Luta e Fardão Eu vi Cristo, 19__	Arthur Bispo do Rosário, Brasil SE, 1909 - 1989	Meia página com imagens das obras + texto sobre obras e artista	
	70	Vestido da coleção International Dateline Collection III – Holiday and	Zuzu Angel, Brasil/EUA, 1921 - 1976	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra	Sim

		Resort, 1971			
	75	New Look, 1956	Flávio de Carvalho, Brasil RJ, 1899 - 1973	Meia página com imagem da obra + legenda com informações sobre artista e obra	
	76	Pescador de Pérolas, 1991	Leonilson, Brasil CE, 1957 - 1993	Pequena imagem da obra	
	82	Parangolá P15 capa 11(incorpora a Revolta), 1967	Hélio Oiticica, Brasil RJ, 1937 - 1980	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	83	A casa com vista para o oceano, 2002	Marina Abramovic, Sérvia, 1946	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	Sim
	84	Conversa sobre qualquer assunto, 2008	Eleonora Fabião, Brasil RJ, 1968	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	Sim
	85	Os Jardins Pensus da América, 2012	Berna Reale, Brasil PA, 1965	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	Sim
	87	Formosa Decelerador, 2014	Coletivo Opavivará, Brasil RJ, ____	Pequena imagem + texto sobre obra e coletivo	
	88	Os dois Jarros: água do barro para a pratapara o barro da prata, 2009	Eleonora Fabião, Brasil RJ, 1968	Pequena imagem da obra + texto sobre obra e artista	Sim

	91	Café da manhã, 2001 - 2003	Marco Paulo Rolla, Brasil MG, 1967	Pequena imagem da obra + um parágrafo sobre a obra	
	91	O Aleph, 2013	Lia Chaia, Brasil SP, 1978	Pequena imagem da obra + um parágrafo sobre a obra	Sim
	92	Dois Ameríndios não descobertos visitam o Ocidente, 1992 -1994	Coco Fusco, EUA, 1960 Guillermo Gomez-Peña, México, 1955	Duas imagens pequenas da obra + três parágrafos sobre os artistas e a obra	Sim
	105	Festa do Boi bumbá,	D. Vanni, Brasil __, _____	Pequena imagem da obra	
MOSAICO – 8º Ano	13	Bed In, 1969	Yoko Ono, Japão, 1933 John Lennon, Inglaterra, 1940 - 1980	Pequena imagem da obra + texto sobre obra e artistas	Sim
	15	Aeroporto (detalhe), 2012	Cásio Vasconcelos, Brasil SP, 1965	Meia página com imagem da obra + um parágrafo sobre obra	
	16	Retirantes, 2012	Ednaldo Vitalino, Brasil PE,	Pequena imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	18	Assim é...se lhe parece, 2003	Nelson Leirner, Brasil SP, 1932	Pequena imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	18	Marulho, 2007	Cildo Meireles, Brasil RJ, 1948	Pequena imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	23	Entrada na Floresta, 1983	Hélio Melo, Brasil AC, 1926 - 2001	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e	

				artista	
	25	Suculentas Berinjelas, 1996	Beatriz Milhazes, Brasil RJ, 1960	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	Sim
	26	Iceberg... , da série Gênesis, 2013	Sebastião Salgado, Brasil MG, 1944	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	28	Ponha seu corpo para fora, 7354 metros, 2008	Pipilotti Rist, Suíça, 1962	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	Sim
	29	A sumaumeira que escurecia o mundo, ____	Dino Geraldo Alexandre, Brasil __, ____	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra	
	30	Parque nacional Anavilhana, da série Genesis, 2013	Sebastião Salgado, Brasil MG, 1944	Pequena imagem da obra + fala do artista sobre a obra	
	35	O espírito da Floresta, 2011	Cleber Pinheiro Sales, Brasil AC, ____	Meia página com imagem da obra + legenda com informações sobre artista e obra	
	36	Floresta ao Amanhecer, 1943	Alberto da Veiga Guignard, Brasil MG, 1896 - 1962	Meia página com imagem da obra	
	47	Álbum do Bebê, incompleto, late 67, 2010	Rosangela Rennó, Brasil MG, 1962	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	Sim

	48	Zeferino abismado com o conforto da cidade grande, 2014	Getúlio Damado, Brasil MG, 1955	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	50, 51	Projeto A última foto, 2006	Rosângela Rennó, Brasil MG, 1962	Duas imagens grandes com obras da série + texto da artista + parágrafo sobre obra e artista	Sim
	53	Barriga, coração, memória, 1976 - 1982	Farnese de Andrade, Brasil MG, 1926 - 1996	Meia página com imagem da obra + dois parágrafos com texto sobre obra e artista	
	54	Mascarados, _____	Lunildes de Abreu, Brasil GO, 1953	Pequena imagem da obra	Sim
	66	Entrevista com o Verde, 2003	Carlos Contente, Brasil RJ, 1977	Grande imagem da obra + texto sobre obra e artista	
	69	Totó treme terra, 2006	Chelipa Ferro (Luis Zerbini, Barrão, Sérgio Mekler), Brasil RJ, _____	Meia página com imagem da obra + texto sobre obra e artistas	
	80	Concreção 9978, 1998	Luiz Sacilotto, Brasil SP, 1924 - 2003	Grande imagem da obra + parágrafo sobre artista e obra	
	134	Rio oír, 2012	Cildo Meireles, Brasil RJ, 1948	Grande imagem da obra	
	143	Som de um ponto de ônibus, 2012	Narcelio Grud, Brasil CE, _____	Grande imagem com obra	

C – Projeto de Ensino

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**Estágio I – Artes Visuais (EDU 02103) – Turma C**  
**Prof. Cristian Poletti Mossi**  
**Maria Paula Magalhães Silva**

**Título:** Relações e percepções que formam o *eu*: possibilidades de representação nas aulas de artes visuais

**Dados de identificação:**

Escola Estadual de Ensino Fundamental

Turmas: 8º ano A e 6º ano A

Horários: 8º Ano - 1 período de 50 min na terça-feira de manhã (7:40 às 8:30)

6º Ano - 2 períodos de 50 min na sexta-feira de manhã (7:40 as 9:20)

**Contexto:**

É uma escola pública estadual, no bairro Menino Deus. Apesar da Escola estar situada em um bairro de classe Média/Alta, apenas 1% dos alunos são desse bairro, a grande maioria vem de bairros de classe baixa. Tem cerca de 512 alunos entre o primeiro e nono anos. Funciona as manhãs e as tardes. O turno da manhã começa as 7:40 e vai até as 12:00. O sistema de avaliação da escola se dá por nota e conceito: do 1º ao 4º ano com um parecer descritivo e do 5º ao 9º ano uma nota (0 à 10) acompanhada de um parecer descritivo.

O oitavo ano é a “melhor turma da escola” eles são relativamente quietos, é uma turma pequena de  $\pm$  20 alunos, eles são solícitos e educados, apesar de não se mostrarem interessados em estarem na escola já que a maioria dos alunos trabalha. São uma turma muito esperta e “falsa”, conversam e cochicham durante a aula sobre os colegas e as professoras.

O sexto ano é a “pior turma da escola” são bastante agitados, conversam muito, precisam de muita atenção por parte das professoras. São muito curiosos e afetivos, apesar de também serem voláteis em seus temperamentos. Não sei quem se gosta ou não na turma, parece que toda semana mudam de opinião uns sobre os outros. Além disso, é uma turma com uma variedade relativamente grande de idades, indo dos 11 aos 15.

**Temática principal:** Identidades, subjetividades, relação, representação e percepção

**Justificativas:** Durante as observações, senti falta de variedade de trabalhos, de respeito com os alunos, de relações entre o que os alunos trabalham em aula com o que eles vivem fora da escola. Os alunos nunca são reconhecidos como sujeitos que vivem e que se interessam por assuntos diversos, eles não tem incentivos para que se interessem nas aulas de arte. Acredito que meu trabalho no estágio e de TCC ficarão bem articulados, tendo em vista que os temas identidades e subjetividades, assim como representação estarão presentes nos dois.

**Objetivos:**

*Relacionar* as realidades vividas pelos alunos com o que é trabalhado em sala e aula.

*Despertar* um olhar mais crítico dos alunos, através da arte, sobre a vida.

*Produzir* trabalhos com os alunos, com o intuito de *experimentar* diversas maneiras de representação.

*Valorizar* a própria imagem, para se *reconhecer* como parte integrante do grupo.

**Conteúdos:** Assemblage, Estereótipos na Arte e na Mídia, Autorretrato, Retrato, Linguagem do desenho, Caleidociclos, Identidades Fragmentadas.

**Carga horária:** 14 aulas de 50 min no 8º ano A, 13 aulas de 100 min no 6º Ano A, 40 horas/aula no total

**Metodologia e/ou estratégias utilizadas:**

8º Ano	6º Ano
<p data-bbox="240 779 639 813"><b>Aula 1:</b> Repertórios Artísticos</p> <p data-bbox="240 880 802 1205"><u>Metodologia:</u> Explicarei como irá funcionar a avaliação dos trabalhos durante o semestre e farei um questionamento para ver os interesses e expectativas da turma quanto as aulas de arte, os interesses serão discutidos, anotados e considerados, para que sejam integrados de alguma maneira no planejamento das aulas.</p> <p data-bbox="240 1234 802 1413">Começaremos a fazer as pastas/arquivos personalizados onde os alunos guardarão seus trabalhos, se não der tempo de terminar, a atividade continuará na próxima aula.</p> <p data-bbox="240 1442 802 1733">Será pedido para que os alunos tragam, na próxima aula, um mínimo de 10 referencias (músicas, obras de arte, poesias, livros, séries, filmes etc.), dentre elas 5 obras de arte, obrigatoriamente, que os façam sentir alguma coisa, que sejam importantes em suas vidas de alguma maneira.</p> <p data-bbox="240 1800 802 1980"><u>Avaliação:</u> Quais foram os interesses trazidos pela turma? Como foi a recepção da turma quanto a uma aula mais informal"? De que maneira poderia acomodar os interesses trazidos nas aulas de arte?</p>	<p data-bbox="828 779 1227 813"><b>Aula 1:</b> Repertórios Artísticos</p> <p data-bbox="828 880 1390 1205"><u>Metodologia:</u> Explicarei como irá funcionar a avaliação dos trabalhos durante o semestre e farei um questionamento para ver os interesses e expectativas da turma quanto as aulas de arte, os interesses serão discutidos, anotados e considerados, para que sejam integrados de alguma maneira no planejamento das aulas.</p> <p data-bbox="828 1234 1390 1413">Começaremos a fazer as pastas/arquivos personalizados onde os alunos guardarão seus trabalhos, se não der tempo de terminar, a atividade continuará na próxima aula.</p> <p data-bbox="828 1442 1390 1733">Será pedido para que os alunos tragam, na próxima aula, um mínimo de 10 referencias (músicas, obras de arte, poesias, livros, séries, filmes etc.), dentre elas 5 obras de arte, obrigatoriamente, que os façam sentir alguma coisa, que sejam importantes em suas vidas de alguma maneira.</p> <p data-bbox="828 1800 1390 1980"><u>Avaliação:</u> Quais foram os interesses trazidos pela turma? Como foi a recepção da turma quanto a uma aula mais informal"? De que maneira poderia acomodar os interesses trazidos nas aulas de arte?</p>

<p>Quais foram as definições para arte trazidas pelos alunos? Como foram recepcionados os exercícios propostos? Quais foram os assuntos trazidos pelos alunos a partir dos questionamentos? Quais são os interesses em comum entre os alunos?</p>	<p>Quais foram as definições para arte trazidas pelos alunos? Como foram recepcionados os exercícios propostos? Quais foram os assuntos trazidos pelos alunos a partir dos questionamentos? Quais são os interesses em comum entre os alunos?</p>
<p><b>Aula 2:</b> Assemblage</p> <p><u>Metodologia:</u> criar com as referencias trazidas uma espécie de assemblage que o represente com objetos, xerox de objetos e de fotografias, sucatas, material orgânico (folhas, barba de pau, conchas, etc.). Após o termino, será pedido que expliquem o porque de cada objeto/material escolhido. Serão disponibilizados materiais diversos (tecido, revistas, purpurina, etc.) para a realização do trabalho.</p> <p><u>Avaliação:</u> Quais foram os temas trazidos nas referencias? Que artistas foram trazidos? Quais foram as justificativas das imagens trazidas?</p> <p>Plano B: Se os alunos não trouxeram as imagens, a aula será utilizada para a pesquisa dos materiais e a atividade se resumirá na próxima semana.</p>	<p><b>Aula 2:</b> Assemblage</p> <p><u>Metodologia:</u> criar com as referencias trazidas uma espécie de assemblage que o represente com objetos, xerox de objetos e de fotografias, sucatas, material orgânico (folhas, barba de pau, conchas, etc.). Após o termino, será pedido que expliquem o porque de cada objeto/material escolhido. Serão disponibilizados materiais diversos (tecido, revistas, purpurina, etc.) para a realização do trabalho. Trarei artistas (Janice Lowry, Betye Saar) que fazem assemblages de forma mais biográfica. A partir das obras apresentadas, será pedido que os alunos pensem como seus trabalhos podem se relacionar com os dos artistas. Após a discussão das relações elaboraremos o conceito de assemblage, considerando os trabalhos feitos em aula e os trabalhos dos artistas.</p> <p><u>Avaliação:</u> Quais foram os temas trazidos nas referencias? Que artistas foram trazidos? Quais foram as justificativas das imagens trazidas? qual foi o conceito de assemblage elaborado? Como os alunos relacionaram seus trabalhos com os dos artistas? De que forma foram apresentadas as assemblages completas?</p>
<p><b>Aula 3:</b> Assemblage</p> <p><u>Metodologia:</u> Trarei artistas (Janice Lowry, Betye Saar) que fazem assemblages de forma mais biográfica. A</p>	<p><b>Aula 3:</b> Linguagem da Pintura</p> <p><u>Metodologia:</u> pedir para que os alunos arrumem as classes em um circulo, para que possamos fazer pinturas colaborativas.</p>

<p>partir das obras apresentadas, será pedido que os alunos pensem como seus trabalhos podem se relacionar com os dos artistas. Após a discussão das relações elaboraremos o conceito de assemblage, considerando os trabalhos feitos em aula e os trabalhos dos artistas.</p> <p><u>Avaliação:</u> qual foi o conceito de assemblage elaborado? Como os alunos relacionaram seus trabalhos com os dos artistas? De que forma foram apresentadas as assemblages completas?</p>	<p>Os alunos deverão pintar algo que considerem um traço identificador deles próprios, quando o tempo acabar, o desenho será passado para o colega da direita, para que ele possa interferir no trabalho, colocando sua marca identificadora nele e assim por diante, até que o desenho retorne ao primeiro aluno. Quando isto acontecer, será feita uma discussão sobre a atividade. (Que traço você escolheu para se identificar? Por que esse traço? Onde está sua marca na pintura? Você ainda consegue se perceber nesse trabalho? Como você se sente de ter tido seu trabalho interferido por outros? Como você se sentiu interferindo nos trabalhos de outros? )</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos receberam a proposta? O que os alunos desenharam para se identificar? Como os alunos se sentiram dividindo os trabalhos?</p>
<p><b>Aula 4:</b> Estereótipos na Arte e na Mídia (aula Experimental)</p> <p><u>Metodologia:</u> Propor um exercício de listagem de palavras, em pequenos grupos, que lembrem eles de feminilidade e de masculinidade. A partir das palavras listadas será feita uma discussão sobre os motivos de tais palavras terem sido escolhidas. Após, definiremos o conceito de estereótipo, e procuraremos em livros de história da arte exemplos de estereótipos. Em seguida desse exercício, serão feitos questionamentos para que os alunos reflitam sobre onde se encaixam, ou não, nessas noções de feminino e masculino. Retornar às assemblages e procurar por estereótipos que estejam sendo propagados inconscientemente.</p> <p>Pesquisar em casa: Será pedido que os alunos pesquisem, em casa, artistas que trabalham com esse tema.</p>	<p><b>Aula 4:</b> Identidades Fragmentadas</p> <p><u>Metodologia:</u> Essa aula e a próxima, serão dedicadas a criar um boneco, que reúna em si a personalidade e gostos de toda a turma. Porque essa turma é tão cheia de personalidades distintas e de brigas, quero que eles criem, juntos, um “mascote” com que todos possam se relacionar. Será necessária a participação de todos alunos para que todos se sintam representados.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos reagiram a proposta? Como os alunos se inseriram ao projeto? Quais as dificuldades que surgiram? Como os alunos se ajudaram na criação do “Frankenstein”?</p>

<p><u>Avaliação:</u> Que palavras foram usadas para definir feminilidade e masculinidade? Qual foi a definição de estereótipo elaborada? Como os alunos responderam a esse tema?</p>	
<p><b>Aula 5:</b> Estereótipos na Arte e na Mídia</p> <p><u>Metodologia:</u> Continuando a aula passada, pedir para os alunos apresentem os artistas que pesquisaram que falam sobre o tema gênero. (também trarei artistas, caso nenhum faça a pesquisa) Após a apresentação será proposto um exercício de colagem, individual, para pensar as questões: Como perpetuo, ou não, estereótipos? Que estereótipos afetam minha vida diariamente?</p> <p><u>Avaliação:</u> Quais foram os artistas trazidos pelos alunos? Como os alunos percebem os estereótipos?</p>	<p><b>Aula 5:</b> Identidades Fragmentadas</p> <p><u>Metodologia:</u> Continuação da aula anterior.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos reagiram a proposta? Como os alunos se inseriram ao projeto? Quais as dificuldades que surgiram? Como os alunos se ajudaram na criação do “Frankenstein”?</p>
<p><b>Aula 6:</b> Estereótipos na Arte e na Mídia</p> <p><u>Metodologia:</u> A partir das colagens feitas na ultima aula, e dos exemplos, pensaremos em diferentes estereótipos que são perpetuados na mídia. Algumas questões geradoras: Como vocês relacionam a maneira como se veem com o que é mostrado na TV? Como acham que os meios de comunicação afetam como vocês se percebem? Que estereótipos vocês notam que são perpetuados? Vocês conhecem alguém que se encaixa perfeitamente em um estereótipo como esses citados? Por que acham que os estereótipos são tão fortemente presentes na mídia? Vocês acham que se encaixam em algum estereótipo? Qual?</p> <p><u>Avaliação:</u> Que estereótipos foram</p>	<p><b>Aula 6:</b> Identidades Fragmentadas</p> <p><u>Metodologia:</u> Terminaremos o boneco no primeiro período, no segundo período, escolheremos um nome, e discutiremos todos os aspectos inseridos.</p> <p><u>Avaliação:</u> Que nomes foram sugeridos? Que nome foi decidido no final e por quê? Quais os aspectos mais interessantes da boneca?</p>

<p>trazidos pelos alunos? Como fluiu a discussão? Quais foram as questões mais levantadas? Como foram feitas as relações entre os textos e as propagandas trazidas?</p>	
<p><b>Aula 7:</b> Autorretrato</p> <p><u>Metodologia:</u> Os alunos serão convidados a desenhar a si próprios sem nenhuma referência, e em grande escala, como eles imaginam que são, ou como gostariam de ser, com o intuito de representar elementos de suas personalidades.</p> <p>Depois de terminados os desenhos, serão discutidas as escolhas das representações feitas, a partir de questões como: Quem são eles? O que gostariam de ser? Como eles se percebem? Como acreditam que são percebidos pelos outros? Como queriam ser percebidos pelos outros?</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos resolveram os desenhos? Quais questões me comum foram trazidas? Como os alunos responderas às perguntas de provocação?</p>	<p><b>Aula 7:</b> Estereótipos na Arte e na Mídia</p> <p><u>Metodologia:</u> Será feita uma breve discussão com os alunos, para que estabeleçamos o que é estereótipo. Os alunos serão então convidados a procurarem em revistas imagens que, para eles, representem estereótipos diversos. A partir das imagens, será feita uma discussão, os alunos deverão explicar o porquê de cada imagem, dizendo se o estereotipo os incomoda, ou não, se eles veem estereótipos em outros lugares além de revistas, etc. Após o término da discussão, será pedido que os alunos recortem as imagens e as coloquem em suas pastas para que possamos continuar o trabalho na próxima aula.</p> <p><u>Avaliação:</u> Qual foi o conceito de estereotipo elaborado? Que tipos de imagens os alunos trouxeram? Onde os alunos veem estereótipos além de nas revistas? Como os alunos se sentem em relação a esse assunto?</p>
<p><b>Aula 8:</b> Autorretrato</p> <p><u>Metodologia:</u> A partir de um “tour” de autorretratos de diferentes artistas na sala de aula, discutiremos como os artistas se representam e como usam a própria imagem para se expressarem ou para falar de problemas sociais. Faremos, também, uma relação com os trabalhos feitos na aula anterior.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos relacionaram os trabalhos dos artistas com os feitos em aula? Quais artistas já eram conhecidos? Quais trabalhos mais chamaram a atenção</p>	<p><b>Aula 8:</b> Estereótipos na Arte e na Mídia</p> <p><u>Metodologia:</u> A partir as imagens recortadas na ultima aula, os alunos serão convidados a fazerem uma colagem que questione os estereótipos ali representados. Ao final da atividade, serão apresentados artistas que utilizam da colagem para fazer críticas sociais. Faremos então uma relação entre o trabalho dos artistas e os realizados em aula.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos resolveram as colagens? Como os trabalhos dos artistas se relacionaram com os dos alunos?</p>

<p>e por quê?</p>	
<p><b>Aula 9:</b> Autorretrato</p> <p><u>Metodologia:</u> Artistas que fazem autorretratos. Discutiremos, o porque dessas obras serem consideradas autorretratos, como que uma fotografia, um desenho ou objeto pode representar alguém. Será pedido que tragam, na próxima aula, um objeto/trabalho que sintam que os represente.</p> <p>Trazer, na próxima aula, um objeto que os identifique.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos identificaram as fotografias?</p>	<p><b>Aula 9:</b> Estereótipos na Arte e na Mídia</p> <p><u>Metodologia:</u> A partir da música Ser diferente é normal, gravada por Gilberto Gil e Preta Gil, e do poema Autorretrato de Mário Quintana, pensar sobre o que os faz ser diferentes. Depois da reflexão, serão convidados a escrever um poema que fala sobre suas diferenças. Ao final da aula, os poemas serão compartilhados com a turma.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos escreveram seus poemas? Como os trabalhos dos artistas se relacionaram com os dos alunos? Como aconteceram as apresentações dos alunos? Que alunos se envolveram mais no trabalho? Quais foram as questões trazidas nos poemas?</p>
<p><b>Aula 10:</b> Autorretrato</p> <p><u>Metodologia:</u> A partir do objeto, serão elaborados os autorretratos dos alunos, por meio de fotos ou desenhos. Em seguida, os alunos serão convidados e explicarem como os objetos os representam, e o porque desse objeto em particular e não qualquer outro.</p> <p><u>Avaliação:</u> Quais foram os objetos escolhidos? Como os alunos justificaram suas escolhas?</p>	<p><b>Aula 10:</b> Autorretrato</p> <p><u>Metodologia:</u> Os alunos serão convidados a desenharem a si próprios sem nenhuma referência, e em grande escala, como eles imaginam que são, ou como gostariam de ser, com o intuito de representar elementos de suas personalidades.</p> <p>Depois de terminados os desenhos, serão discutidas as escolhas das representações feitas, a partir de questões como: Quem são eles? O que gostariam de ser? Como eles se percebem? Como acreditam que são percebidos pelos outros? Como queriam ser percebidos pelos outros?</p> <p>Trazer, na próxima aula, um objeto que os identifique.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos resolveram os desenhos? Quais questões me comum foram trazidas? Como os alunos responderas às perguntas de provocação?</p>

<p><b>Aula 11: Retrato</b></p> <p><u>Metodologia:</u> Serão expostos na sala vários trabalhos de retrato, de diversos artistas em diferentes épocas. Os alunos terão que, observando as obras, fazer relações entre elas, por exemplo: o tema, a mídia, etc. A partir dos artistas que trabalham com o retrato, estabeleceremos, através de uma discussão, uma definição do termo retrato.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como foi definido o termo? Quais foram as relações estabelecidas entre as obras? O que os alunos entendiam como retrato? Como os alunos reagiram as obras expostas em sala de aula?</p>	<p><b>Aula 11: Autorretrato</b></p> <p><u>Metodologia:</u> A partir do objeto trazido, serão elaborados os autorretratos dos alunos, por meio de fotos ou desenhos. Em seguida, os alunos serão convidados e explicarem como os objetos os representam, e o porquê desse objeto em particular e não qualquer outro.</p> <p>Apresentarei artistas que fazem autorretratos. Discutiremos, o porque dessas fotografias serem consideradas autorretratos, como que um objeto pode representar alguém.</p> <p><u>Avaliação:</u> Quais foram os objetos escolhidos? Como os alunos justificaram suas escolhas?</p>
<p><b>Aula 12: Retrato</b></p> <p><u>Metodologia:</u> Essa aula será dedicada ao fazer de retratos dos colegas, através de sorteio. Cada aluno deverá pegar um colega para representar, considerando características físicas, suas personalidades, seus interesses, etc.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos escolheram representar os colegas? Quais foram as reações ao verem o nome sorteado?</p>	<p><b>Aula 12: Retrato</b></p> <p><u>Metodologia:</u> Os alunos serão convidados a fazer retratos dos colegas, através de sorteio. Cada aluno deverá pegar um colega para representar, considerando características físicas, suas personalidades, seus interesses, etc. Os trabalhos prontos serão expostos na sala de aula, e os alunos deverão encontrar quais colegas foram retratados em cada trabalho, explicando o raciocínio por trás da escolha. O aluno que fez o trabalho sendo discutido deverá, então, explicar porque acertaram, ou não, dizendo qual foi o colega retratado e o que escolheu mostrar de características desse colega.</p> <p><u>Avaliação:</u> Que aspectos dos colegas escolheram representar? Por que escolheram os colegas que escolheram? Os colegas se veem representados nos retratos? Que tipos de características foram exaltadas para que os colegas</p>

	fossem reconhecidos?
<p><b>Aula 13: Retrato</b></p> <p><u>Metodologia:</u> Os trabalhos prontos serão expostos na sala de aula, e os alunos deverão encontrar quais colegas foram retratados em cada trabalho, explicando o raciocínio por traz da escolha. O aluno que fez o trabalho sendo discutido deverá, então, explicar porque acertaram, ou não, dizendo qual foi o colega retratado e o que escolheu mostrar essas características desse colega.</p> <p><u>Avaliação:</u> Que aspectos dos colegas escolheram representar? Por que escolheram as características? Os colegas se veem representados nos retratos? Que tipos de características foram exaltadas para que os colegas fossem reconhecidos?</p>	<p><b>Aula 13: Avaliação</b> (esta aula não tem um conteúdo específico, será uma aula de revisão e avaliação das aulas passadas)</p> <p><u>Metodologia:</u> essa aula servirá como uma avaliação dos trabalhos feitos, da turma e de como as aulas correram.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos se envolveram com os trabalhos propostos? Quais foram as dificuldades durante o semestre? Quais foram as atividades mais produtivas em termos de discussão? Como os alunos mudariam algo que foi feito? Quais as sugestões dadas pelos alunos quanto as aulas?</p>
<p><b>Aula 14: Avaliação</b> (esta aula não tem um conteúdo específico, será uma aula de revisão e avaliação das aulas passadas)</p> <p><u>Metodologia:</u> essa aula servirá como uma avaliação dos trabalhos feitos, da turma e de como as aulas correram.</p> <p><u>Avaliação:</u> Como os alunos se envolveram com os trabalhos propostos? Quais foram as dificuldades durante o semestre? Quais foram as atividades mais produtivas em termos de discussão? Como os alunos mudariam algo que foi feito? Quais as sugestões dadas pelos alunos quanto as aulas?</p>	

**Recursos:** Tesoura, cola, revistas, tinta guache, folhas, pinceis, lápis de cor e canetas-hidrocor, tecidos, botões, linha, agulha, lã, espuma de enchimento, os celulares dos alunos, obras de artistas impressas.

**Avaliação:** Pasta com os trabalhos realizados + questões que se reportam aos objetivos. Será necessária uma “prestação de contas” quanto as notas dos alunos, por isso, utilizarei de um sistema de arquivo de trabalhos, todos os alunos terão de ter todos os trabalhos propostos e realizados em sua pasta, no final do semestre, para receberem nota máxima.

Como foi desenvolvido o tema do projeto? Quais questões surgiram a partir do tema identidade e subjetividade? Como os alunos se envolveram com os trabalhos propostos? Quais foram as dificuldades durante o semestre? E quais foram as atividades mais produtivas? Como os alunos mudariam algo que foi feito? Quais as sugestões dadas pelos alunos quanto as aulas? Como foram relacionadas as realidades dos alunos com os trabalhos de sala de aula? Que trabalhos foram produzidos? Quais trabalhos renderam mais curiosidade e interesse nos alunos? Como mudaram os comportamentos dos alunos em relação aos colegas?

### Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The Danger of a Single Story*. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story)>. Acesso em: 27 jun. de 2016.

CAO, Marián López Fernández. *Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística*. IN: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Ed. SENAC, 2008, p. 69–85

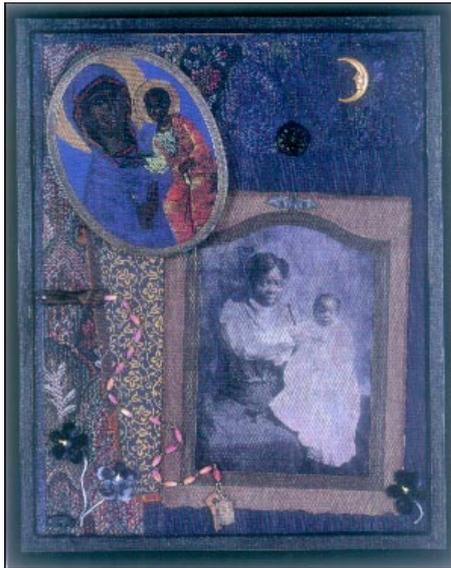
HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1ª edição em 1992. Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

Bondía, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o Saber da experiência*. Revista Brasileira de educação Nº 19, 2002, Tradução de João Wanderley Geraldi.

Obras Utilizadas em Aula:



Janice Lowry, 'Head File,' mixed media assemblage



Betye Saar, *Midnight Madonnas*, 1996, assemblage



Fred Wilson, *Me and It*, 1995, mixed

media



Uldus Bakhtiozina, *Aren't You Too Short?*, from the *Hopeless Romantics Series*, 2013, Photography



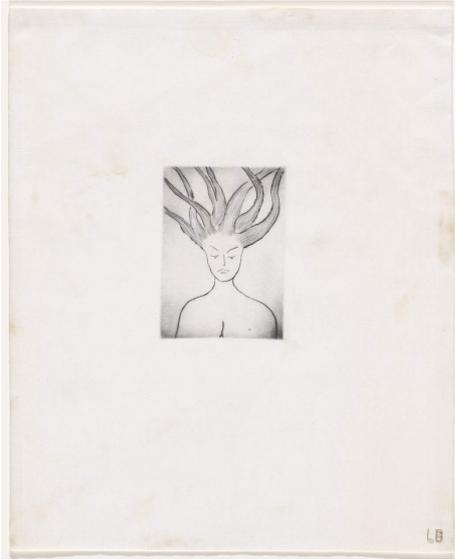
Nona Faustine, da série White Shoes, 2016



Giuliano Lucas, Espelho #1 – Abadias do Nascimento, 2015,  
Fotografia e manipulação digital



Käthe KollwitzFrontal, Self-Portrait (Selbstbildnis von vorn), 1922–23



Louise Bourgeois, Louise, plate 21 of 24, from the series, Self Portrait, 2009



Judith Joy Ross, Untitled, from Portraits at the Vietnam Veterans Memorial, Washington, D.C., 1984



Anne Noggle, Reminiscence: Portrait with my Sister, 1980



Marisol (Marisol Escobar), Portrait of Sidney Janis

Selling Portrait of Sidney Janis by Marisol, 1967-68



Florine Stettheimer, Family Portrait II, 1933